

**ANGELA MARIA MEILI**

**PRAGMÁTICA DOS ENUNCIADOS  
TELEVISIVOS:  
um Estudo da Proibição e da Desobediência através dos  
Corpos Midiáticos**

Dissertação apresentada ao  
Instituto de Estudos da  
Linguagem, da Universidade  
Estadual de Campinas, como  
requisito parcial para obtenção  
do título de Mestre em  
Linguística

Orientador: Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

CAMPINAS  
2008

**M476**  
**p**

Meili, Angela Maria.

Pragmática dos Enunciados Televisivos: um Estudo da Proibição e da Desobediência através dos Corpos Midiáticos / Ângela Maria Meili. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Kanavillil Rajagopalan.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. TV livre. 2. Pragmática. 3. Política. 4. Escrituras. 5. Jogos de representação. I. Rajagopalan, Kanavillil. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The Pragmatic of the Television's Enunciation: a Study of the Forbidness and Desobedience through Media Bodies.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Free TV, Pragmatic, Policies, Writting, Game of representation.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan (orientador), Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras e Prof. Dr. José Eduardo Ribeiro de Paiva.

Data da defesa: 24/11/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

**BANCA EXAMINADORA:**

**Kanavillil Rajagopalan**



---

**Maria Viviane do Amaral Veras**



---

**José Eduardo Ribeiro de Paiva**



---

**Sérgio Salomé Silva**

---

**Eliana da Silva Tavares**

---

**IEL/UNICAMP  
2008**

*Dedico o presente trabalho a todos os ativistas da mídia livre e independente, aos desobedientes, artistas e sábios, que me conduziram pelos caminhos sempre tortuosos do pensamento crítico.*

## *Agradeço...*

*fundamentalmente, à Eliana da Silva Tavares, professora querida e amiga  
que me apresentou aos estudos da linguagem;*

*ao Prof. Kanavillil Rajagopalan – Rajan - pela liberdade de pensamento e  
interação, dando-me chances de desenvolver um trabalho de crítica com a  
linguagem e a política;*

*aos amigos e amigas ativistas da TV Piolho, Rádio Muda, Centro de Mídia  
Independente, Coletivo Saravá, Grupo Biroasca e a todos os que  
desenvolvem corpos tecnológicos livres mundo afora.*

*aos meus familiares mais próximos, Mãe Neuza, Pai Beto, Lucas, João,  
Patrícia, Rafael e ao pai Ivo por me ensinar o amor às Letras.*

*a todos os amigos e professores da FURG (Fundação Universidade Federal  
do Rio Grande)*

*ao programa de pós-graduação em Lingüística da UNICAMP*

*ao Grupo de Estudos sobre Linguagem e Exclusão: abordagens  
pragmáticas, onde desenvolvemos uma interação realmente critica e  
engajada.*

*à FAPESP por manter a pesquisa com excelência sempre reconhecida.*

“Fantasie-se. Deixe um nome falso. Seja lendário. O melhor Terrorismo Poético é contra a lei, mas não seja pego. Arte como crime; crime como arte”.

Hakim Bey – TERRORISMO POÉTICO

## Resumo

A presente dissertação de Mestrado propõe-se a uma discussão crítica acerca da televisão contemporânea. Inicialmente, discute a questão da mediação e da noção de "meio" utilizada nas teorias e políticas da comunicação tradicionais, valendo-se, em partes, da Crítica da Comunicação de Luicen Sfez, 1994. Enfatiza o caráter pragmático da materialidade tecnológica que condiciona os enunciados midiáticos e, inclusive, dos textos técnicos legais que regulamentam a prática de difusão no Brasil. A partir da marcação dos domínios de Legalidade, também estão marcados os lugares de enunciação, criando-se situações políticas nas quais a linguagem é atuante. Faço uma análise de dois diferentes corpos enunciativos/ midiáticos: as grandes redes autorizadas vs.as pequenas emissoras desautorizadas. Questões como Escritura Midiática, Corpos Tecnológicos e Micropolítica também são discutidas, tendo como base textos de Jaques Derrida, Félix Guattari, Judith Butler, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESCRITURA, CRÍTICA, TV PIOLHO, REDE GLOBO, TV LIVRE, PRAGMÁTICA

## Abstract

This work proposes a discussion about mediation and the notion of medium used on traditional theories and policies. It takes the Critical of Communication of Lucien Sfez (1994) as a reference. We emphasize the technological materiality and pragmatic of enunciation on the media and legal discourses that regulates the broadcasting in Brazil. When spaces of legality are marked, the spaces of the enunciation are marked too, creating political situations where language has a force. I made an analysis of two different broadcast bodies: the big enterprises authorized vs. little unauthorized television. Problems like *écriture* in Media, technological bodies and micro politics are discussed based on Jacques Derrida, Felix Guattari, Judith Butler texts and others. .

**KEY WORDS:** CRITIC, PIOLHO TV, REDE GLOBO, FREE TELEVISION, PRAGMATIC, LINGUISTIC.

## SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>1</u>
<u>CAPÍTULO 1.....</u>	<u>2</u>
<u>A FORÇA DO MEIO.....</u>	<u>2</u>
<u>CAPÍTULO 2.....</u>	<u>8</u>
<u>2.1. REGULAMENTAÇÃO DO ESPECTRO.....</u>	<u>8</u>
<u>2.2 As AUTORIZADAS.....</u>	<u>11</u>
<u>2.3 As DESAUTORIZADAS.....</u>	<u>18</u>
<u>FOTOS DO ESTÚDIO DA TV PIOLHO.....</u>	<u>27</u>
<u>2.4 A REFORMA AGRÁRIA NO AR.....</u>	<u>29</u>
<u>2.5 A PROIBIÇÃO.....</u>	<u>34</u>
<u>CAPÍTULO 3.....</u>	<u>38</u>
<u>3.1. ANÁLISE DOS ENUNCIADOS.....</u>	<u>38</u>
<u>3.2. REDE GLOBO.....</u>	<u>40</u>
<u>3.3. TV PIOLHO.....</u>	<u>51</u>
<u>CAPÍTULO 4.....</u>	<u>58</u>
<u>ESCRITURA MUDIÁTICA.....</u>	<u>58</u>
<u>CAPÍTULO 5.....</u>	<u>61</u>

<u>UMA CRÍTICA À LIBERDADE DE EXPRESSÃO.....</u>	<u>61</u>
<u>CAPÍTULO 6.....</u>	<u>64</u>
<u>CORPOS TECNOLÓGICOS.....</u>	<u>64</u>
<u>CAPÍTULO 7.....</u>	<u>69</u>
<u>MICROPOLÍTICAS, TRANSMISSÃO VIRAL: ENUNCIADOS MUDIÁTICOS ENQUANTO CONTAMINAÇÃO.....</u>	<u>70</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>74</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>75</u>
<u>ANEXOS.....</u>	<u>79</u>

## Introdução

*Sim, somos, na medida em que somos, fabricados pela agenda pública que é determinada por fora, nos meios de comunicação, organizados pelo ritmo maquínico (...) E, no entanto, também fabricamos nossas urgências, e nossos fantasmas são relativamente livres dessas influências. Que agem, por sua vez, sobre os elementos de uma sociedade que se inscrevem em sua própria história. (SFEZ, 1994).*

O presente estudo apresenta a Televisão como um instrumento de escritura cuja constituição pode ter corporeidades diversas. O instrumento televisivo, muito mais do que mediador é a possibilidade e o limite da enunciação, um instrumento que condiciona os enunciados. Estes dependem, necessariamente, da inserção política das emissoras na sociedade, dos interesses e intenções daqueles que fazem uso das tecnologias de transmissão.

Para abordar com detalhes essa questão pretendo fazer uma revisão dos meios de comunicação: *i)* enfatizando o caráter tecnológico das práticas radiodifusoras, considerado para além de uma simples mediação comunicativa, a tecnologia é um produto de interesses políticos e econômicos - farei uma discussão específica sobre o corpo-emissora com relação a aspectos políticos, econômicos e legais de duas emissoras: Rede Globo e TV Piolho; *ii)* analisando os enunciados televisivos considerando a sua performatividade em dependência de uma corporeidade que é tecnológica e política – utilizarei um corpus audiovisual composto de transmissões das duas

emissoras supracitadas, os enunciados serão vistos em correlação intrínseca com o corpo-emissora que é moldado constantemente pelos limites da coação ou pela ação desafiadora dos próprios limites; *iii*) pensando especificamente sobre a questão do corpo, extrapolando o corpo biológico e estabelecendo uma relação entre pessoa humana, tecnologia e linguagem; *iv*) enfatizando a questão da proibição e da desobediência.

## Capítulo 1

### A força do meio

Em que consiste um meio? Ele permite, pela própria definição, a comunicação entre dois ou mais indivíduos; intermedeia, como suporte, a enunciação. *O meio está entre duas coisas.* Trata-se de uma resposta simples que dá plena independência para os pontos mediados, polariza e também supõe independência da própria mensagem com relação ao canal: ela passa pelo canal. Esta é uma concepção tradicional de comunicação:

Esse modelo é estocástico, atomístico, mecanicista. Estocástico porque é pontualmente que se faz a comunicação, em determinado momento e por ocasião de certo objetivo. Atomístico porque a comunicação presentifica dois sujeitos, átomos separados e indivisíveis. Mecanicista em função da linearidade do esquema de transmissão (...) A simplicidade desse modelo, que temos mais ou menos na nossa cabeça em nossas práticas, é garantia de sua perenidade. (SFEZ, 1994 p.42)

Trata-se de uma compreensão ideal da mediação porque,

permitindo a troca, o meio permanece neutro. Ao nomearmos as tecnologias difusoras enquanto ‘meios’ estamos pressupondo um ideal comunicativo e desconsiderando os fatores condicionantes do próprio meio e dele sobre os enunciados; estamos também desconsiderando a importância dessas tecnologias em criar, produzir os pontos mesmos que interligam nesta esfera dita comunicante.

Para resgatar a importância do meio, vale fazer uma descrição das emissoras como instrumentos tecnológicos de constituição política. Cabe aqui, fazer **breve** referência a alguns pensadores da comunicação que tentaram rever a neutralidade das máquinas comunicantes <sup>1</sup> :

1 - *A Escola de Frankfurt*, a partir do início da década de 1930, relaciona a estrutura dos meios de comunicação com uma produção industrial que faz da mensagem um produto a ser consumido, massifica o público, impondo-se sobre ele. O meio é produto material da política que irrealiza [sic.] e massifica o receptor. A técnica só pode se desenvolver graças aos interesses econômicos e aos grupos que detém o seu controle.

2 - *Marshall McLuhan*, em 1964 e 1967, toma como base de suas teorizações a força do meio enquanto instrumento tecnológico que se integra e se impõe no ambiente social, “*o meio é a mensagem*” significa que o meio se impõe sobre a mensagem, onipotência da técnica que age diretamente sobre a sociedade como elemento ideológico em estado bruto. Para ele a TV, especificamente, é um canal de transmissão que estrutura o tempo, torna homogênea a massa dos telespectadores e os normaliza.

---

<sup>1</sup> Tal revisão é feita por Sfez (1994)

3 - *McComb e Shaw* (1972) enfatizam que os editores e programadores, ao classificarem e selecionarem informações, desempenham um papel importante na formação da realidade social. Aqueles que controlam as emissoras ou editoras, ordenam a agenda pública do mundo, *agenda-setting* que escolhe o que será mencionado ou não, conduzindo o público de alguma forma.

As teorias da mídia, especificamente da chamada "comunicação de massa" fazem uma correlação estreita entre as tecnologias midiáticas e aspectos sociais. Thompson (2005) relaciona o desenvolvimento dos meios de comunicação à reelaboração do caráter simbólico da vida social, a partir da produção e troca de informação e conteúdo simbólico, de modo que os meios constituem teias de significação. Assim, o meio técnico seria um substrato material das formas simbólicas.

(...) elemento material com que, ou por meio do qual, a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor ao receptor (...) as propriedades dos diferentes meios técnicos facilitam e circunscrevem os tipos de produção simbólica e de intercâmbio possíveis. (THOMPSON, 2005 p.26)

Os meios podem variar quanto à sua fixação, reprodutibilidade, distanciamento espaço-temporal e habilidades/competências exigidas para a sua manipulação. McQuail (2003) acredita que para haver um poder efetivo dos media, no que se refere à comunicação massificada, deve haver uma indústria midiática nacional que seja capaz de chegar à maioria da população, além de um grau de consenso da mensagem difundida e uma confiança por parte das audiências.

A característica mais óbvia dos media de massas é que são desenhados para chegarem a muitos. Audiências potenciais são vistas como grandes agregados de consumidores mais ou menos anónimos (...) A relação é inevitavelmente num só sentido e impessoal e existe uma distância social e física entre o emissor e o receptor (...) a mensagem dos media é principalmente um produto de um trabalho com um valor de troca no mercado midiático. (McQUAIL, 2003 p.42)

A televisão (ou o rádio) é uma tecnologia radiodifusora<sup>2</sup> que permite a transmissão de informação. O aparelho transmissor modula o sinal de entrada em ondas que serão difundidas pela antena através do espectro eletromagnético<sup>3</sup>. Tanto o alcance de um sinal quanto a frequência irão depender da regulagem do aparelho transmissor e da posição da antena emissora com relação ao relevo: quanto mais potente o transmissor, maior o alcance, quanto mais alta a antena, maior o alcance. O princípio técnico para a criação de uma emissora de rádio ou TV é simples, mas pode ser arranjado de diversas maneiras.

Vejamos as grandes redes de Televisão, elas não possuem apenas um transmissor, mas uma rede de aparelhos de transmissão que replicam o mesmo sinal espalhando-o ao maior número possível de localidades. Estes equipamentos, estando conectados, alcançam cada um a casa dos megawattz<sup>4</sup>, suas antenas são torres altíssimas instaladas nos maiores morros ou edificações disponíveis<sup>5</sup> Tais emissoras são autorizadas, legalizadas e faturam

<sup>2</sup> As tecnologias RF são a base da TV ou do rádio; faixa de oscilação entre 3KHz e 300Ghz correspondente a uma frequência de sinais de corrente elétrica alternada que produz as ondas de rádio, ou seja, oscilação em circuitos elétricos ou radiação eletromagnética.

<sup>3</sup> Distribuição da intensidade da radiação eletromagnética com relação ao seu comprimento de onda ou frequência.

<sup>4</sup> 10 wattz elevados à sexta potência.

<sup>5</sup> A nova torre da TV Globo para a TV Digita l instalada na Avenida Paulista em São Paulo possui 119 metros de altura e foi instalada sobre um prédio de 18 andares. Do nível da rua até o topo da antena são 224 metros de altura. In: *SPTV. Antena da Globo na Paulista ganha nova iluminação. Globo OnLine, 14/12/2007.*

expressivo lucro com propaganda, possuem apoio político suficiente do Estado para angariar um grande número de concessões<sup>6</sup> e, por isso, podem espalhar transmissores por todo o território.

Há um interessante dossiê, publicado em 1997 por Sylvio Costa e Jayme Brener, que investiga a distribuição de concessões de RTV's<sup>7</sup> pelo Governo Federal, antes da reeleição de Fernando Henrique Cardoso, para parlamentares e outros políticos. É uma análise que aponta objetivamente a utilização das Televisões e Rádios para a concentração do poder político e estabelecimento de uma rede unilateral; os autores denominam tal prática de Coronelismo Eletrônico. Segundo o dossiê, estima-se que um a cada cinco parlamentares federais (na época estudada) controlava diretamente, ou por meio de parentes e testas-de-ferro, estações de rádios e televisão. Entre os grandes coronéis das comunicações, está José Sarney e família que controlava, já em 1997, 21 das 26 repetidoras no Estado do Maranhão - Sarney, na época de sua presidência da República (1987/1988) entregou 30 geradoras de TV a parlamentares federais. Além dele, Júlio Campos, com 12 repetidoras no Mato Grosso; Jader Barbalho, com 14 no Pará; Antônio Carlos Magalhães que controla sete afiliadas da Rede Globo e quase 400 repetidoras; Edson Queiroz, com 32 RTV's, entre outros.

Havendo poucas restrições para a expansão das Grandes Redes, a malha de suas interconexões tecnológicas aumenta e funciona para a ocupação massiva de territórios, unificando-os na recepção da mesma mensagem. Assim, podemos notar que uma emissora não está medeando

---

<sup>6</sup> Sobre as concessões, na próxima seção.

<sup>7</sup> Replicadoras de Televisão: recebem autorização através portaria do próprio Ministro das Comunicações ao contrário das Geradoras que necessitariam da outorga do Presidente. Nota-se que a formação das Grandes Redes é facilitada burocraticamente, não havendo a necessidade de licitação para uma RTV (sendo que a licitação é uma espécie de aluguel, no qual o interessado deve oferecer um valor ao Governo para a exploração do canal), ou seja, a licença de funcionamento para uma RTV é gratuita. As RTV's foram introduzidas no decreto 81.600 de 25 de abril de 1978.

entes significantes, mas criando condições para o surgimento de um espaço de significação por onde fluem enunciados dotados de uma função social ativa. A emissora, no caso das Grandes Redes, é um grande corpo que se impõe ativamente sobre o corpo receptor que passa a ser a sua extensão; o emissor é dotado de intencionalidades<sup>8</sup> e produz enunciados pragmaticamente comprometidos. O papel da Grande TV é afirmar-se como um lugar legítimo, constante e imanente, enquanto veicula inúmeras propagandas<sup>9</sup> e chamamentos à opinião pública.

Um canal de TV legitimado na sociedade, como a Rede Globo, precisa de um lugar fixo, auto-afirmado no espectro e, ao mesmo tempo, da fluidez e da renovação no *continuum* de suas mensagens, apresentando um texto bastante redundante, porém dinâmico e constantemente renovado. Uma discussão mais aprofundada acerca dos enunciados, contudo, será feita posteriormente, na segunda parte do trabalho.

Notemos que uma emissora vai além de um mero ente mediador. Há outras possibilidades de arranjo dos instrumentos tecnológicos difusores; um corpo difusor pode se ordenar a partir de interesses políticos diversos. Introduzo o contra-exemplo dos chamados “Meios Livres”, especificamente da **TV Piolho**. Emissora de caráter localizado, emite em baixa-potência e também se configura no princípio básico radiodifusor (transmissor + antena). Sua natureza é distinta, em fundamentos, das Grandes Redes: não se conduz expansivamente porque não está atrelada a um serviço mercadológico, possui equipamentos velhos provenientes de doações, equipamentos que,

---

<sup>8</sup> Austin (1962): um proferimento está sujeito às mesmas condições que qualquer tipo de ação, localizado numa situação, o ato de fala tem origem de um ‘eu’, enunciador que se realiza na expressão.

<sup>9</sup> O Código Brasileiro de Comunicações prevê que apenas 25% da programação de uma TV deve conter comerciais, o que não ocorre na maioria das emissoras, nas quais o tempo de publicidade normalmente ultrapassa tal limite. Há, inclusive, canais que veiculam exclusivamente propaganda.

organizados e conectados, resultam em uma *Emissora Livre*. Trata-se do aproveitamento de uma tecnologia barata por pessoal sem qualquer nível de profissionalização na área. Não autorizada, é um corpo que tenta funcionar fora de qualquer sobredeterminação<sup>10</sup>. Resulta de um anseio coletivo para a prática radiodifusora. Anseio que é alimentado a partir de relações rizomáticas<sup>11</sup> que estabelece com outros meios.

Cria-se, portanto, uma outra corporeidade, de um emissor que não abrange o público espectador, mas que é agente tecnológico, político e enunciativo e que produz um espaço autônomo para o fluir de significados. Também não conecta dois pontos comunicantes, mas forma um corpo expressivo que desterritorializa a própria radiodifusão. Ainda assim não é um meio, mas pode ser comparado a um *corpo sem órgãos*<sup>12</sup> porque está aberto a possíveis organizações momentâneas, espontâneas e fluidas que resultam em atos de fala bastante diferentes em intencionalidades e repercussão: ação, prática efetiva no mundo político.

## Capítulo 2

### 2.1. Regulamentação do Espectro

---

<sup>10</sup> Não é, contudo, a carência de equipamentos ou profissionalização que permite o caráter livre das práticas da TV Piolho; trata-se de uma característica específica da Televisão Livre em questão, mas não caracteriza todas as práticas de Mídia Livre. Utilizar equipamentos velhos e baratos não é condição para liberdade, portanto.

<sup>11</sup> Explorarei mais adiante o conceito de “rizoma”, cunhado na obra **Mil Platôs** de G. Deleuze e F. Guattari.

<sup>12</sup> Expressão utilizada por Deleuze & Guattari (1995), um corpo que é preenchido pelo desejo, mas não é organicidade prévia limitante. Figura estética criada por Artaud (1948) é um corpo intenso de sentidos não representativos, mas de uma ação da Força das sensações sobre o corpo, e do corpo como força atuante (as potências vitais).

*As regras em relação à posse de concessão de serviço de radiodifusão são tais que parte decisiva do Congresso Nacional está diretamente envolvida na operação de rádio e televisão no país, como todos sabem. (BOLAÑO, 2005)*

A concentração de domínio sobre o espectro eletromagnético resulta da sua regulamentação e do exercício de fiscalização e punição sobre qualquer uso desobediente. A Lei é utilizada em benefício de interesses com o aval das instituições reguladoras. Os documentos que versam sobre as comunicações são o *Código Brasileiro de Telecomunicações*, promulgado em 27 de agosto de 1962 (Lei n.4.117) e uma recente lei, a Lei n.9.472 de 16 de julho de 1997, que dispõe sobre a organização dos serviços de telecomunicações, a criação e funcionamento de um órgão regulador e outros aspectos institucionais, tomando como base a emenda constitucional nº 8 de 1995. Vejamos, em breves apontamentos, em quais termos tais textos *escrevem* os meios de comunicação e condicionam seus usos.

O *Código Brasileiro de Telecomunicações*, ao definir telecomunicação, as denomina “serviços”: transmissão, emissão ou recepção de símbolos, caracteres, sinais, escritos, imagens, sons ou informações de qualquer natureza, por fio, rádio, eletricidade, meios óticos ou qualquer outro processo eletromagnético. Veja que, ao denominar as telecomunicações de **serviços**, aliena o uso dessas tecnologias e institui empresas responsáveis, havendo um acesso aos meios que é controlado pelas **prestadoras de serviço**. Seguindo, ao versar sobre os fins a que se destina a radiodifusão, diz que deve “*ser **recebido** direta e livremente pelo público em geral*”; veja que o código é muito claro ao definir os lugares sociais dessa tecnologia, já que as pessoas **em geral** devem apenas **receber** o sinal. Mais adiante, no Art.07, submete as telecomunicações a um **Sistema Nacional** cujas normas técnicas e condições

de tráficos serão estabelecidas pelo governo. À União compete manter e explorar diretamente as radiocomunicações. Os Art.32 e 33 do *Código Brasileiro de Telecomunicações* ditam que os serviços de radiodifusão serão executados diretamente pela União ou através de concessão, autorização ou permissão (que visa o emprego ordenado e econômico do espectro eletromagnético), sendo que os prazos de uma concessão ou autorização seriam de 10 anos para Rádio e 15 anos para a Televisão, podendo ser renovados por períodos sucessivos se os concessionários houverem cumprido todas as obrigações contratuais: mantido idoneidade técnica, financeira e moral. Nota-se aí um caráter peculiar dos juízos para as concessões que tem a ver com questões morais e econômicas, questões a serem julgadas parcialmente pelas autoridades. Além de necessitarem provar idoneidade moral, os autorizados a transmitir ainda correm o risco de cometer “abusos de liberdade” (Art.53) que, segundo o Código, seriam o incitamento à desobediência às leis, divulgação de segredos de Estado, ultrajamento da Honra Nacional, insulflamento da rebeldia e indisciplina nas Forças Armadas, comprometimento das relações internacionais, ofensa à moral familiar, pública ou bons costumes, calúnia ou difamação dos poderes Legislativo, Executivo ou Judiciário, entre outros. O Código também prevê a punição pelo descumprimento das normas, constituindo crime punível com pena de detenção de um a dois anos, além de apreensão da estação e aparelhos ilegais. O Decreto-Lei 236 de fevereiro de 1967 altera alguns pontos do Código, mantendo suas proposições centrais.

A Lei 9.472, posterior e complementar ao Código, além de criar a ANATEL, confirma que a operação de estação transmissora de radiocomunicação está sujeita à licença de funcionamento prévia e à fiscalização permanente, nos termos da regulamentação, sendo vedada a utilização de equipamentos emissores de radiofrequência sem certificação

expedida ou aceita pela Agência Nacional de Telecomunicações. O uso da radiofrequência dependerá de prévia outorga da Agência, mediante autorização: ato administrativo vinculado à concessão, permissão ou autorização para prestação de serviços de telecomunicações; esta será sempre onerosa, ou seja, dada mediante pagamento do interessado<sup>13</sup>. A Lei determina que o prazo de vigência é de até vinte anos, prorrogável uma única vez por igual período. As sanções penais aumentam quanto a emissões clandestinas<sup>14</sup> na lei mais recente: desenvolver clandestinamente atividades de telecomunicação gera pena de detenção de dois a quatro anos, aumentada na metade se houver dano a terceiro e multa de R\$ 10.000 incorrendo na mesma pena quem, direta ou indiretamente, concorrer para o crime. Cabe à ANATEL a fiscalização do espectro e a realização de buscas e apreensões.

A *Constituição Federal de 1988*, por sua vez, assegura como direito fundamental a todos, brasileiros e estrangeiros residentes no País, a livre manifestação do pensamento e a livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou **licença** (Art. 05). Veja que há uma contradição clara entre a Constituição Federal e as Leis de Telecomunicação, já que nestas a expressão através da radiodifusão é vedada sem a licença.

Instaura-se uma situação em que as normas institucionais e andamentos burocráticos do Estado se impõem sobre os direitos constitucionais do cidadão. Conseqüentemente, o uso dos meios de comunicação se adapta a um contexto de proibição, o que gera a concentração do poder de uso das tecnologias midiáticas. Ao passo que restringe o número de geradoras<sup>15</sup>, aumenta o número de replicadoras, formando um corpo tecnológico dominador, unilateral. Proibição que vai produzir, além de tudo, a

---

<sup>13</sup> Anexo I: Condições de Outorga.

<sup>14</sup> Atividade desenvolvida sem a competente concessão.

<sup>15</sup> Estações que possuem outorga para a emissão.

desobediência através de uma ação midiática que atua marginalmente, cujo corpo tecnológico conjuga-se à transgressão e à expressividade desafiadora.

Vejamos que se trata de uma situação política criada por uma situação de poder na qual determinada esfera discursiva, determinados enunciadores e os textos em si trabalham para permitir a dominação. Os textos legais produzem o limite, suprimem a prática midiática, são inscrições apoiadas e definidas na máquina do Estado. Esta máquina produz e arquiva os textos legais, que não são objetos, mas condições de uma *episteme*; escritura que não encontra signatário ou referência, mas que é justamente uma imanência aberta a cargas de sentidos possíveis<sup>16</sup>. Assim, refiro-me à legislação como uma espécie de escritura originária, materialização que é o fundamento das próprias Instituições; materialidade discursiva que fundamenta a proibição, a punição, o silenciamento, a desobediência e também alimenta o crescimento das redes eletrônicas de dominação.

## 2.2 As Autorizadas

*Evidentemente, o sucesso da Globo é um epifenômeno do capitalismo monopolista, embora a sua função local não seja apenas a produção de mercadoria. (VASCONCELLOS, 1998)*

A intervenção direta do aparelho burocrático do Estado sobre o uso das tecnologias de comunicação, principalmente no que diz respeito à radiodifusão, sempre obedeceu a um projeto fundamentalmente econômico desde a emergência da Televisão no Brasil. O resultado é a restrição na

---

<sup>16</sup> Derrida (1967)

participação efetiva da difusão do som e da imagem; instituições e grupos econômicos trabalham conjuntamente no sonho de modernização da sociedade, a partir de uma pedagogia que é o uso dominante dos meios para produção de sentido. Sociedade moderna significando uma sociedade moldada para o desenvolvimento de um modo de vida lucrativo à indústria de bens, tendendo à concentração de capital e homogeneização cultural.

A situação das comunicações no país não é hoje menos trágica do que era há 20 anos, ainda durante o período da ditadura militar, permanecendo o mercado oligopolizado. Situação semelhante é vivida por toda a América Latina, onde os meios de comunicação estão sob o controle de grupos oligopolistas com forte poder político (Bolaño, 2005).

É nesse sentido que as grandes redes de televisão exercem um poder absurdo. Poder que se vale da tecnologia, da linguagem e do aparelho político como ferramentas para a construção de lugares autorizados de significação, o espectador é interpelado na sua intimidade sem conhecer as circunstâncias de produção da mensagem que recebe e que ajuda a construir sua representação de mundo. O sujeito é excluído da troca dialogal.

Quando milhões de pessoas assistem a um programa específico de televisão é estabelecida uma rede nacional de imaginários e a TV narra a sua ficção totalitária. Essa cadeia pode ser pensada como uma comunidade imaginária<sup>17</sup> que é fruto da simultaneidade na retransmissão do sinal. O sistema de comunicação formado pelas grandes redes existe como parte íntima e essencial da estrutura nacional, que permite ao indivíduo ver-se no contexto de uma unidade.

Ao falarmos de imaginário, pensando o sistema de televisão, podemos nos apropriar de uma reflexão de J. Derrida em Gramatologia

---

<sup>17</sup> Anderson (1994)

(2004) que distingue a *Imaginação* da *Razão*, tendo a primeira uma função especial no estabelecimento do humano, justamente por traduzir a perfectibilidade e abrir as possibilidades de progresso, ao passo que a última estaria para uma organização natural dos sentidos. A Imaginação seria um poder de antecipação, “*ela enceta a história*”<sup>18</sup>, é a única capaz de prever a liberdade ou a dominação: “*ativa e excita um poder virtual*”. Atuar, portanto, no imaginário, é atuar sobre as potências humanas e suas possibilidades de antecipação. “*A imaginação é o poder, para a vida, de afetar-se a si mesma de sua própria representação*”<sup>19</sup>. Assim, o poder de representação estaria ligado a uma faculdade da imaginação.

A Rede Globo participa ativamente na formação de uma Cultura Nacional, criando zonas de resgate e esquecimento; narra o Brasil de forma sobrepujante. Ela favoreceu e foi favorecida pela formação do Estado Moderno no Brasil, de forma que as instituições políticas e jurídicas atuaram como instrumentos para a consagração desse Poder; favoreceu a integração territorial necessária para o crescimento do mercado interno, graças à formação das grandes redes de retransmissão.

(...) uma vantagem histórica fundamental: adequação da estrutura do Estado e do instrumental regulatório em matéria de comunicação da nação brasileira a seus interesses de empresa líder desse setor estratégico da política numa sociedade de massas. (BOLAÑO, 2005 p.20)

Nos últimos anos, mesmo com o barateamento das tecnologias de difusão analógica, o poder político deixou de estimular a livre informação, além de atravancar o processo de novas concessões, estabelecendo rígida legislação e reservando às minorias hegemônicas o direito de narrar a

<sup>18</sup> Derrida (2004)

<sup>19</sup> Ibidem, p-224

sociedade. O modelo sobre o qual se erigiu a televisão brasileira é de inspiração marcadamente liberal, mas sem organismos reguladores preocupados com a sua pluralidade.

A questão da formação de monopólios privados em comunicações, em geral, e na televisão, em particular, não é somente um problema econômico, mas uma questão ampla, que se relaciona também com aspectos políticos que envolvem a consolidação da democracia e conformação das relações de poder dentro da sociedade brasileira. (SIMÕES & MATTOS, 2005 p.48)

Os meios de comunicação têm grande importância na fundamentação da Nação e da sociedade capitalista integrada, configuram um senso de nacionalidade baseado na narração contínua. A Televisão participa ativamente da integração hegemônica dos territórios, sendo fruto de um projeto político que intervém no imaginário, fabricando a crença na representatividade do *medium*. Integração imaginada, sobretudo, num contexto geral de consumo que extrapola as fronteiras nacionais e adota padrões globalizados de modos de vida. Através da intervenção direta do aparelho burocrático sobre o uso das tecnologias de transmissão, o Estado participa na criação de um espaço em que a Mídia de Massa exerce sua força de homogeneização ao narrar para as massas representações de identidades, sejam nacionais, de classe, geração, etc.

O Brasil carioca da Globo diz a todo Brasil o que deve e como deve ser. Como falar, o que ouvir, como se comportar, o que consumir, como... Uma espiral infinita de manipulação da cultura popular, que permite transformar boa parte das energias humanas da multidão em mercadoria, pela ação do trabalho vivo, subsumindo no capital cultural. (BOLAÑO, 2005 p.32)

Trata-se de uma situação que conduz ao **silenciamento**, que também é ferramenta de escritura da Sociedade. Escritura em que o espectador é reduzido a objeto de uma pedagogia autoritária. Isso quer dizer, no capitalismo moderno, há um controle dos desejos, uma orientação da potência humana a modos de trabalho e consumo interessantes para a manutenção dos fluxos de produção e circulação de valores; a televisão atua como educadora desta potência.

A televisão tomou a si uma série de tarefas que cabiam aos professores (...) Toda linguagem que nela é produzida está a serviço de um certo tipo de formação, de iniciação às diferentes engrenagens da produção e do campo social. (...) A educação televisual modela o imaginário (...) ela impõe toda uma micro política de relações. (GUATTARI, 1987 p.53)

A Televisão no Brasil tem surgimento concomitante à ascensão da vida urbana, sendo ferramenta para o projeto de desenvolvimento econômico do país. Resulta de uma cadeia de atividades, a indústria televisiva funciona em conexão com indústrias e serviços técnicos, publicidade e vendas, ela é constitutiva nos projetos de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, de modo que a forma tomada pelo seu discurso simula os modelos atuantes no mundo, produzindo um efeito modernizador com o intuito de remanejar as práticas sociais sob o jugo da sociedade de consumo. Trata-se de um exercício de poder praticado pela linguagem através da construção de um simulacro do real: interpela-se o espectador na sua intimidade ao passo que as circunstâncias de produção desse discurso são ocultadas. Forma-se um campo de significação auto-referencial que coincide com o próprio “espaço televisivo”. Daí que se pode apontar para o estabelecimento de uma rede nacional de imaginários; a TV funciona como um objeto total que exerce o

controle social do diálogo, excluindo a troca.

(...) código (que) não tem lacunas, nem silêncios, não permite a dúvida nem a angústia. Um projeto de produção contínua de presença e de discurso. (...) um código impossível de ser simbolizado, justamente porque nunca se cala e se manifesta em um fluxo de imagens concretas, abundantes, regidas por leis muito semelhantes às que regem as formações oníricas. (KEHL, 1991 P.62)

Tentativa de universalização do imaginário, pois o sujeito fica diante da realidade da TV como de uma ficção totalitária, em relação direta, de imersão no código. A cadeia nacional<sup>20</sup> de televisão formada pela Rede Globo, por exemplo, acaba por formar uma comunidade imaginária<sup>21</sup> que é fruto da simultaneidade da retransmissão desse canal. Orquestrado pela ficção do tempo real, o texto televisivo procura se aproximar do ritmo vivo e concreto do espectador sendo, a repetição, um elemento estrutural do seu discurso.

(...) o leitor de um jornal, observando réplicas exatas do seu exemplar sendo consumidas pelo seu barbeiro do metrô, ou seus vizinhos, é continuamente assegurado de que o mundo imaginário é visivelmente enraizado na vida cotidiana (ANDERSON, 1995 p.32)<sup>22</sup>

O sistema de comunicação seria parte íntima e essencial da

---

<sup>20</sup> E planetária. Veja a *Globo International*, que atinge via cabo ou satélite potencialmente 5,5 milhões de espectadores pelo mundo.

<sup>21</sup> Anderson (1994)

<sup>22</sup> (...) the newspaper reader, observing exact replicas of his own paper being consumed by his subway babershop, or residential neighbors, is continually reassured that the imagined world is visibly rooted in everyday day life.[tradução minha]

estrutura nacional e econômica que permite ao indivíduo ver-se no contexto de uma unidade. A relação entre o desenvolvimento da televisão e o projeto capitalista é preponderante, de forma que o tratamento oficial dado às questões de comunicação no Brasil sempre foi de uma economia e política desenvolvimentistas, cujo viés, desde a década de 50, partiu de uma representação de coletividade participante do crescimento econômico do país, quando da inauguração do ‘Milagre Econômico’ que se estendeu até e o Regime Militar. A história da Rede Globo de Televisão tem íntima relação com o poder político desde quando Juscelino Kubitschek, em 1957, aprova a concessão da empresa para Rádio e TV, durante a campanha dos “50 anos em 5” e, mais tarde quando, em 1969, a Globo começa a transmitir em Rede Nacional graças

a fartos investimentos do governo Médici, durante os ‘anos negros’ da ditadura (SIMIS, 2005). Presidente que investiu no uso massivo de campanhas publicitárias e, com o Plano de Integração Nacional, construiu rodovias para integrar o território e fomentar a nascente industrialização do Brasil. Com o mesmo objetivo investiu na Televisão, para consolidar o espírito de uma Nação continental a favor do consumo.

(...) é preciso sublinhas que na base desse fenômeno existe toda uma estratégia que parte do governo militar, pois ele foi responsável pela implantação de um determinado tipo de estrutura de sistema comercial de televisão no país, peça fundamental do modelo de regulação macro-econômico naquele momento, que marcará o desenvolvimento brasileiro dos meios de comunicação no Brasil até hoje. (BOLAÑO *in*: SIMIS 2005, p. 45-46)

O projeto para o desenvolvimento do Sistema Televisivo no Brasil percebeu a necessidade de narrar a Nação, em tempo presente, para

imaginar uma comunidade homogênea a partir da apresentação de alguma essência compartilhada.

(...) o anonimato dos indivíduos, a horizontalidade parcial da comunidade, o tempo homogêneo das narrativas sociais, a visibilidade histórica da modernidade, onde o presente de cada nível social coincide com o presente dos outros, então o presente em um setor essencial faz a essência visível.<sup>23</sup>  
(BHABA, 2000 p.302)

As instituições políticas e jurídicas atuaram como instrumentos para a consagração do capital que controla os meios de comunicação. A TV favoreceu a integração territorial necessária para o crescimento do mercado interno devido à formação das grandes redes de retransmissão, construindo, com técnica e linguagem, a representação e a convenção da imagem, um espírito nacional e de trabalho. Ela suplementa a natureza, tendo uma função pedagógica que insinua o seu campo de significação no lugar da realidade concreta das pessoas; o povo ou Nação a que o receptor se afilia são conceitos emanados dessas narrativas sociais midiáticas.

### **2.3 As Desautorizadas**

Encarando a questão como pautada pelo limite da proibição, fora do núcleo, trabalha uma marginalidade que se opõe à lei e se impõe como ato expressivo localizado. Como viés para fora do silenciamento, surgem ações desobedientes deliberadas que consistem na constituição de um ou vários

---

<sup>23</sup> (...) the anonymity of individuals, the partial horizontality of community, the homogeneous time of social narratives, the historicist visibility of modernity, where the present of each level of the social coincide with the present of all others, so that the present in an essential section which makes the essence visible [tradução minha]

corpos emissores, eles se impõem pela sua própria existência desobediente, que deslegitima a esfera reguladora. Tal desobediência dentro do campo midiático consiste na perlocução mesma: construção de um corpo emissor e emissão em si de “símbolos, caracteres, sinais, escritos, imagens, sons ou informações de qualquer natureza”<sup>24</sup>

Henry Thoreau popularizou o termo “desobediência civil” em seus escritos, onde questiona a necessidade de obedecer às leis a qualquer custo: “*será que o cidadão deve desistir de sua consciência, mesmo por um único instante ou em última instância e se dobrar ao legislador?*”<sup>25</sup> Dada a possibilidade de operação e uso de qualquer aparelho emissor, por qualquer pessoa interessada, os ativistas de Rádio e TV Livre questionam se é justo que a maioria das pessoas sejam submetidas à planificação de uma mensagem única, impedidas de manifestar sua identidade no contexto midiático.

Ao longo do movimento de escritura<sup>26</sup> da sociedade, articulam-se antagonismos: opressões e resistências, regulações e desvios de desejos. Apesar da rede formada para o estabelecimento e a manutenção dos padrões de razão, justiça, verdade e beleza, na vida cotidiana, o processo contínuo de significação permite a intervenção performativa das pessoas. A ação política será fundamentada na ambivalência que emerge da contestação desse narrador autoritário, interrompendo com a representação da totalidade. Projetos de TV’s ou Rádios Livres são iniciativas de apropriação dos meios técnicos difusores, desprezando o aparato burocrático responsável pela exclusão. São forças que atuam para significar identidades marginais e interesses desiguais, dando-se o direito de narrar apesar da maioria estar

---

<sup>24</sup> Art.04 da Lei 4.117.

<sup>25</sup> Thoreau (1849)

<sup>26</sup> Conceito explorado por Derrida (2004). Processo de fixação e reelaboração contínua da linguagem no qual são considerados os suportes materiais, a repetição constante e a conseqüente movimentação simbólica, que produz, desde o fechamento textual, até a desconstrução de significados.

limitada ao espetáculo somente.

Organizações de pessoas interessadas na apropriação do conhecimento tecnológico e construção dos instrumentos necessários para a transmissão de som e imagem no espectro eletromagnético, remodelando a relação da coletividade com o *medium*, para além da sujeição. Trata-se de ocupar as brechas para construir novas formas de se relacionar com os meios de comunicação; desvios resultantes do paradoxo no senso da representação (por um lado o Estado e a Lei e, por outro, a predicação pessoal). Transmitir, apesar das instituições, apropriando-se do meio a partir do resgate da autonomia e do direito ao diálogo.

Deve-se de lembrar que o *mainstream* midiático não resgata o que é silenciado, o “outro” que está lá apesar da ilusão do “mesmo”. Praticar radiodifusão Livre é, portanto, um exercício de afirmação de identidades. Uma **Emissora Livre** é um corpo técnico e coletivo formado para que as vozes que estão às margens narrem e reconstituam, no presente, a lembrança, diante de arsenal monstruoso para o esquecimento; ela reorganiza o relacionamento com o meio de comunicação justamente porque se direciona aos propósitos internos de autonomia e exercício da liberdade, sem desejar uma audiência consumidora. Uma desobediência.

Trata-se de analisar a marginalidade (...) como a parte mais viva, a mais móvel das coletividades humanas nas suas tentativas de encontrar respostas às mudanças. (...) ela não traz remédio a algo que seria patológico: ela indica, isto sim, a direção de novas modalidades de organização da subjetividade coletiva. (GUATTARI, 1987 p.46-47)

A Desobediência Civil é um ato previsto no âmbito da ilegalidade, mas não deve ser criminalizado porque deliberadamente questiona a legitimidade da própria lei, sendo um ato político sobre juridicidade do

documento regulador. Guardião da ordem do Mercado, o Estado assegura condições de institucionalização de interesses majoritários, centraliza as resoluções que serão impostas à Sociedade Civil; conseqüentemente haverá um distanciamento entre a legalidade vigente e o seu grau de legitimação.

(...) o Direito positivo, para ser considerado como tal, deve legitimar-se. Isto quer dizer que o Direito positivo não pode garantir sua legitimidade apenas por meio da legalidade. (REPOLÊS, 2003 p.72)

Um ato desobediente põe em evidência uma situação de crise (déficit de legitimidade) resultante de um processo decisório centralizador. “*O desobediente civil vai justamente chamar a atenção para a crise de legitimidade gerada pela falta de conexão entre as decisões do círculo oficial de poder e as do poder comunicativo*”. *Ibidem*, p.134

Forma legítima de violação da lei, muitas vezes a Desobediência Civil está pautada em Cláusulas Pétreas<sup>27</sup> e leva em consideração o próprio argumento do Direito que assegura a liberdade subjetiva de ação.

Ocorre a ações dessa natureza possivelmente buscarem uma alteração na lei, qual seja a *desproibição* da prática através de uma reescritura das normas. A Lei de Rádios Comunitárias, por exemplo, foi uma resposta do Estado às ações questionadoras (muitas vezes, desobedientes, pois transmitir sem concessão passou a ser a única forma possível de transmitir). Houve uma movimentação social para a criação da lei de Rádio Comunitária.

A Lei n.9.612, de 19 de fevereiro de 1998, institui um “Serviço de Radiodifusão Comunitária”, termo utilizado para denominar a radiodifusão

---

<sup>27</sup> A cláusula pétrea em questão é o Art.05 da Constituição Brasileira que diz: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...) IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e de cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço. Veja que se mantém um conceito de telecomunicação como um “serviço” prestado por algum tipo de grupo instituído. As restrições técnicas de cobertura estabelecem uma potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros.

Tal Lei recebeu inúmeras críticas, principalmente do movimento de Rádios Livres, que considerou as próprias especificações técnicas por demais genéricas, não se adaptando às condições de cada lugar. Nota-se uma profunda contradição em permitir que Rádios Comerciais transmitam em megawatts enquanto que rádios destinadas *a dar oportunidade à difusão de idéias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social*<sup>28</sup> possam ter apenas 25 wattz.

No caso das Rádios Livres e da TV Piolho, não há interesse em legalização (reescrita da lei ou escrita de uma nova lei), nem sequer tenta-se obter autorização, até porque se questiona a própria regulamentação do espectro a definição mesma dada pelo Estado acerca das práticas radiodifusoras. Nesse sentido, os grupos de Mídia Livre assemelham-se a grupos de ação direta que desconsideram qualquer sobredeterminação instituída em suas práticas. Movimentos libertários que usam a potência de suas ações num combate às forças opressivas, um combate que não é um embate, mas uma insurgência rizomática de autopermissividade, libertação da própria voz. Transmitir como força de resistência ao silenciamento.

É rizomática no sentido dado por Deleuze & Guattari (1995): o rizoma dá-se em raízes múltiplas que quebram a unidade da palavra ou

<sup>28</sup> Itens I e II do Art. 3º da Lei mencionada

mesmo da língua, à medida que põem uma unidade cíclica da frase texto ou saber; ele tem formas muito diversas, desde a sua extensão superficial ramificada até as concreções em bulbos e tubérculos, sendo que qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro, não cessando de conectar cadeias semióticas ou organizações de poder.

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras (...) Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas seguido outras linhas. Todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar (...) mas a linha de fuga faz parte do rizoma (...) o bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada. (DELEUZE & GUATTARI, 1995 p.17-18)

Daí que não se trata de modelos de descendência arborescente que iriam do menos diferenciado ao mais diferenciado, o rizoma opera imediatamente no heterogêneo e salta de uma linha já diferenciada a outra, de forma que não é justificado por um modelo estrutural ou gerativo. O rizoma possui múltiplas entradas, sendo uma questão de performance na qual o desejo se move e produz, um modelo que não para de erigir, entranhar, alongar, romper-se e retomar. Não há começo ou fim, mas um meio pelo qual ele cresce e transborda (*inter-ser*).

Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados) de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem

memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. *Ibidem* p.33

Não há, portanto, no rizoma, uma tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação e um campo de subjetividade. Ao mesmo tempo em que é uma desobediência legítima, uma prática de mídia livre é também um ativismo de dissolução anárquica, a exemplo da **Rádio Alice** (Grupo Gato Selvaggio, Bologna, 1974): teoria, técnica, poesia, devaneio, sentido sem sentido.

(...) Rádio linha de fuga (...). Acabar com a chantagem da cientificidade dos conceitos. (...) os desvios maiores que operamos a partir de nossas línguas menores. (GUATTARI, 1983 p.58)

A Radiodifusão sonora (o Rádio) tem uma longa história de movimentações desobedientes, contando inclusive com o apoio de intelectuais famosos, como Félix Guattari, que participou ativamente da Rádio Alice, na Itália. O termo Rádio Livre aparece durante as manifestações estudantis do final da década de 1960 e se afirma no movimento italiano da década de 1970. No Brasil, temos relatos de Rádios Livres funcionando desde a década de 1970 (Rádio Paranóica, em Vitória-ES), passando pelos anos 1980 até 2008. Há, inclusive, relatos de TV's Livres, como a TV Livre de Sorocaba que em 1985 monta um transmissor a partir da sucata de um retransmissor da Rede Globo; a TV Cubo, iniciativa da Rádio Xilik (São Paulo-SP), que transmite descontinuamente em 1986 e 1992, o coletivo rechaça as iniciativas de legalização, diz-se autônomo diante do Estado, promovendo a ação direta<sup>29</sup>. A Rádio Muda (Campinas - SP), ainda hoje no ar, opera de forma autônoma, desconsiderando as sobredeterminações proibitivas e, inclusive, possíveis hierarquias internas, é um coletivo que

<sup>29</sup> NUNES, 1995

“muda” a cada dia e se constrói a partir de ações individuais espontâneas. Outras Livres contemporâneas são: Rádio Xiado (São Paulo-SP), Rádio Grilo (Goiânia-GO), Rádio Capivara (São Carlos-SP), entre outras<sup>30</sup>.

Conectada ao rizoma, local, descomprometida com valores de mercado, a **TV Piolho, canal 20 UHF**, vem atuando desde Julho de 2006 na região de Campinas - SP, através de transmissões irregulares, porém constantes. A TV Piolho se insere num contexto de ativismo midiático contra o sufocamento do *Mass Media*; transcrevo aqui o manifesto da emissora:

*Dois homens, utilizando como máscara um  
saco de papel, falam em direção à câmera,  
alternadamente:*

Boa Noite, está no ar a TV Piolho. Uma emissora pioneira de televisão livre, canal 20 UHF. Aqui você está livre da nefasta propaganda publicitária, que invade e corrói as nossas mentes, que seduz e vicia nossos desejos. Aqui você está livre do demagógico jogo político, da lama que escorre de Brasília e vira notícia e dinheiro nos meios de comunicação tradicionais. A TV Piolho não pede autorização para transmitir porque o ar é do povo, comunitário e intrínseco ao ser humano. Porque só seremos um país livre quando seus cidadãos tiverem livre acesso aos meios de comunicação. A TV Piolho está livre da ditadura do IBOPE, livre da necessidade de aumentar a audiência como condição para a sua existência. A TV Piolho não forma, deforma o público, inquieta e instiga a participar, a contribuir. Somos todos produtores e espectadores, formando a nossa própria relação com o meio. A TV Piolho funciona de forma artesanal e improvisada, não temos técnicos especializados nem divisão de funções. Somos um coletivo não-hierarquizado que está experimentando a construção de

---

<sup>30</sup> Informações sobre o Rizoma de Rádios Livres que inclui outras rádios, além das citadas, podem ser encontradas em <http://www.radiolivre.org>

uma TV Livre num contexto de ditadura e restrições nos meios de comunicação. Ocupar, resistir, transmitir!

Uma transmissão da TV Piolho está sujeita aos mais variados imprevistos, desde uma inesperada batida policial até um improviso de câmera e microfone. As transmissões são dominicais para tentar driblar o protocolo da ANATEL de somente apreender emissoras ilegais em horário comercial; mas também porque a emissora não possui um corpo grande o suficiente para preencher todos os horários, de todos os dias, com uma programação. Não se pretende, dessa forma, ser um instrumento de narração contínua. O estúdio da TV Piolho é pequeno e não possui muitos equipamentos: videocassete, microfone, DVD, uma câmera e, às vezes, computadores de última geração. Tudo vai depender de quem estiver participando e como contribui para fazer uma transmissão coletiva.

O que é uma transmissão coletiva? É o espaço de algumas horas nas quais o estúdio é montado e recebe variadas intervenções de quem estiver presente, seja passando um filme, uma seleção de vídeos da internet, jogando ao vivo algum jogo eletrônico, comentando fatos cotidianos, lendo poemas, manipulando marionetes, operando o *mixer* de som ou imagem, operando a câmera, etc. A dinâmica entre as pessoas, suas funções e os equipamentos faz surgir a transmissão. Essa dinâmica não é mediada por graus hierárquicos entre as pessoas e nem mesmo a função no estúdio é fixa a cada participante, podendo-se transitar entre tarefas ao longo da noite.

As vinhetas, frases de efeito, conteúdos e performances são exibidos no improviso, sem grade previamente elaborada. A ordem entre as contribuições é escolhida através de consensos durante a transmissão. Um dos fatores de união do coletivo da TV Piolho é justamente a possibilidade de se agir livremente no espectro, sem vínculos comerciais ou partidários, sem o culto à personalidade, mas, a favor da troca de experiências entre os

participantes. Por se tratar de uma atividade subversiva, o grupo tem um comprometimento político no que faz: agir para o lado contrário do jogo de dominação da Mídia de Massa, sendo performance de desconstrução dos mecanismos unilaterais. A identidade da *Piolho* não está em si (por isso me é impossível descrevê-la minuciosamente), mas caracteres identitários vão se fazendo ao longo do ato midiático, praticando-se a diferença pelo uso da tecnologia. Essa identidade está à margem de qualquer unificação identitária, ela terá sido alternância de lugares.

Não é a união de argumentos que caracteriza, porém, uma rádio ou televisão livre, há sobretudo uma coincidência ao permitir e se valer de micropolíticas marginais que funcionam a partir da performance tecnológica desburocratizada. A relação que tais práticas estabelecem entre si não se dá através de algum pólo agregador, mas da relação rizomática.

(...) cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos (...) colocando em jogo não somente regimes de signo diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. (DELEUZE & GUATTARI, 1995 p.15)

Podemos nos referir à TV *Piolho* enquanto uma televisão performática, de modo que “performance” pode angariar dois sentidos: aquele utilizado por J. L. Austin para a definição dos *performativos*, bem como o sentido utilizado nos meios artísticos enquanto algo que acontece no instante, numa função espaço-tempo. De acordo com Renato Cohen (1989), a performance se caracteriza por uma expressão anárquica que visa escapar limites disciplinantes, sendo uma linguagem de experimentação, sem expectativa de público.

Ideologicamente falando, existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade na criação

(...) desobstruindo os impedimentos e as interdições que a realidade coloca. (...) arte de intervenção modificadora (...) não é uma arte de fruição, nem uma arte que se proponha à estética. (COHEN, 1989 p.45-46)

A performance não se estrutura aristotelicamente (começo, fim, linha temática, etc.) apoiando-se em uma *collage* como estrutura, na qual o colador apresenta sua releitura de mundo, unindo antinomias e fragmentos através de um ato de criação que utiliza a livre-associação. O discurso da performance é um discurso radical, de combate, havendo uma acentuação do instante presente, o momento da ação em tempo real, o que cria uma característica de rito juntamente com o público, que não se restringe a um estado de espectador.

### Fotos do Estúdio da TV Piolho



I)



II)



III)



IV)



V)

## 2.4 A reforma agrária no ar

*As rádios livres, e amanhã as televisões livres, são apenas uma pequena parte do iceberg das revoluções midiáticas. (GUATTARI, 1987)*

Um dos poucos livros no Brasil dedicados ao assunto da liberdade nas telecomunicações e Rádios Livres: **A reforma agrária no ar**, Machado *et al.* (1987) cujo prefácio é de Felix Guattari, grande entusiasta das Rádios Livres e outras práticas sociais inovadoras de lutas de emancipação material e subjetiva. O filósofo francês refere-se às Rádios Livres enquanto “fenômeno” e diferencia o que acontece no Brasil do que ocorreu na Europa dos anos 60; considera que o contexto “marginal” de milhões de pessoas é sobrepujante nas práticas de Mídia Livre. Trata-se de uma “*afirmação de direito à existência através da reinvenção de novas formas de luta e de expressão*” o que seria uma reação aos esquemas político-representativos tradicionais. Questão de sobrevivência à impossível expressão nas mídias oficiais, “*o movimento de rádios livres pertence justamente àqueles que o promovem*” e não se trata de um “esquerdismo”, mas de um movimento de “*emancipação*”, uma “*utopia concreta*” e “*um instrumento de experimentação de novas modalidades de democracia*”. O filósofo enfatiza a questão da expressão, seja ela localizada, seja dada no estabelecimento de conexões rizomáticas numa “*era pós-mídia*”.

Os autores do livro fazem uma pesquisa com um *corpus* bastante interessante que consta de enunciações de várias Rádios Livres e, inclusive, de uma TV Livre. Declaram que há um florescimento dessas práticas e que a “*tendência é aprofundar-se cada vez mais o questionamento da atual estrutura de poder de rádio e TV*”. Um ponto bastante interessante que é colocado trata justamente da autoridade do Estado enquanto distribuidor das faixas de frequência:

O Estado permanece encarado como proprietário legítimo do espaço eletromagnético, donde decorre que o apadrinhamento continua sendo a consequência fatal do mecanismo de concessões. Sejam quais forem

os critérios de distribuição, a concessão equivale, nesse sistema, a uma outorga de privilégios, de forma que qualquer alteração da estrutura de poder a nível das mídias de teledifusão significará apenas uma troca de mandarins. *Ibidem*, p.16

O que o corre, em função disso, é que as mídias teledifusoras no Brasil estão intrinsecamente ligadas ao aparelho estatal, às redes de distribuição, ao sistema publicitário e à indústria fonográfica.

A sociedade está excluída do monólogo que elas fabricam, pois só atua a nível de receptora de informações, mas ela própria não pode produzir e distribuir a informação que lhe interessa. (...) o mecanismo de concessões não é - nunca foi - um expediente técnico apenas; ele é um sistema de controle das emissões pelo poder de Estado. A sua simples existência já é uma forma de censura. *Ibidem*, p.16-17

A questão do barateamento tecnológico também é enfatizada, sendo que emitir sinais de rádio e TV é uma prática que pode ser feita por qualquer grupo com o mínimo de recursos ou conhecimentos de eletrônica, o que permite o rompimento de uma situação de subordinação da sociedade civil à estrutura de organização das mídias. Quanto à TV, enfatiza-se a importância das faixas UHF de frequência para emissões localizadas, “*possibilidades descentralizadoras do sistema*”.

Rádios e televisões livres constituem a melhor resposta de uma sociedade democrática aos conglomerados e monopólios, bem como ao seu poder de concentração e comando. Elas se dirigem a segmentos específicos da população (...) voltadas às aspirações de cada grupo cultural. (...) Sua programação tende a ser diversificada na mesma amplitude da diversidade do público, ao contrário das rádios e televisões comerciais que, por força de suas

ambições hegemônicas, só se podem dirigir à **mídia indiferenciada e amorfa dos cidadãos abstratos** [grifo meu]. *Ibidem*, p.21

Significativo quanto ao caráter expressivo é o Manifesto por sonoridades livres da Rádio Xilik, um texto poético e nada formal, bastante anárquico, representa muito bem o sentido e o sentimento de liberdade de expressão proporcionado por uma prática de mídia livre, cito alguns trechos:

É necessário dizer as coisas.  
Com os olhos, com a ponta do nariz e - por que não? -  
com o lábio articulado.  
(...)  
VIVA O VIOLINO  
VIVA VIVALDI  
I NA PANELA TEEEEEEEEEEEEEM....  
CCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCENSURA!  
(...)  
Há muitos anos os transistores combinaram-se  
apaixonadamente com as resistências, cristais, diodos  
e condensadores, possibilitando a um ínfimo mortal  
(...) escutar um imbecilóide menudo.  
(...)  
SEGURE-SE língua, porque você nasceu sem pátria!  
*Ibidem*, p-24

Desde a Teoria do Rádio de Bertolt Brecht e, posteriormente, as idéias de Hans Magnus Enzensberger (2003), já se idealizou a possibilidade dialógica das tecnologias difusoras acreditando-se que um aparelho receptor é também um potencial transmissor. A sociedade poderia se estruturar em torno das possibilidades de diálogo, utopia pensada no início e no final do século XX que hoje é apenas considerada por aqueles que ainda acreditam nas mídias livres. O único *feedback* que existe hoje nas práticas dominantes de mídia é a sondagem de audiência. Enzensberger elabora uma estratégia de perfuração da estrutura “monológica” ou unidirecional das mídias, propondo

a sabotagem<sup>31</sup> geral da produção vertical e centralizada das mídias dominantes com uma produção autogerida, construída em forma de redes e dotada de reversibilidade. Para o autor, a forma atual dos meios de comunicação não encaminha para a comunicação e sim para o seu impedimento, pois não permite um efeito recíproco entre o emissor e o receptor, reduzindo o *feedback* ao mínimo possível. Tal impedimento puramente técnico, mas algo que é evitado conscientemente por razões políticas. A diferenciação técnica entre emissor e receptor reflete-se na divisão de trabalho entre produtores e consumidores da sociedade; esse mecanismo adquire intenso contorno político na indústria da consciência. Dessa maneira, o contraste entre produtores e consumidores não é inerente às mídias eletrônicas, mas se impõe artificialmente por meio de procedimentos econômicos e administrativos. O autor considera, portanto, que as mídias podem servir tanto para a repressão quanto para a emancipação, veja quadro abaixo<sup>32</sup>, elaborado pelo autor:

<b>USO DAS MÍDIAS PARA A REPRESSÃO</b>	<b>USO DAS MÍDIAS PARA A EMANCIPAÇÃO</b>
<i>Programa de controle centralizado</i>	<i>Programas descentralizados</i>
<i>Uma emissora, vários receptores</i>	<i>Todo receptor: um emissor potencial</i>
<i>Imobilização de indivíduos isolados</i>	<i>Mobilização das massas</i>
<i>Abdicação passiva do consumo</i>	<i>Interação dos participantes, feedback</i>
<i>Processo de despolitização</i>	<i>Processo de</i>

<sup>31</sup> O uso que conhecemos da palavra sabotagem deriva de um significado político de interrupção. "Os vocábulos *sabotar, sabotador e sabotagem*, aport. do fr. *saboter, saboteur*, para o mundo, graças principalmente à última conflagração mundial. *Sabotar*, como no fr., é danificar de propósito instalações industriais, veículos, aparelhos, etc., assim como dificultar ou impedir qualquer serviço ou atividade, por meio de resistência passiva". São termos de natureza político-social. (GUÉRIOS, 1979)

<sup>32</sup> Enzensberger (2003)

	<i>aprendizagem</i>
<i>Produção por agentes especializados</i>	<i>Produção coletiva</i>
<i>Gerenciamento por proprietários ou burocratas</i>	<i>Auto-organização</i>

Há, portanto, três esferas de dominação que garantem o monopólio das mídias: a *técnica*, a *institucional* e a *econômica*. Na técnica, há a alienação dos sujeitos com relação à possibilidade de emissão descentralizada; pela instituição há a regulamentação do espectro pelo Estado e as punições; e, finalmente, pela economia, se estabelecem grandes redes emissoras de dominação orientadas por grupos com bastante poder financeiro que estabelecem “critérios profissionais”. As rádios livres estariam na contra-mão deste esquema dominador, porque desconsideram tais esferas de poder e transmitem, superando a alienação técnica, desafiando as instituições e construindo rádios com poucos recursos. Cria-se uma localidade que se relaciona de forma aproximada com a audiência, o ouvinte também faz parte do movimento de Rádios Livres, veja exemplos da superação dos monólogos midiáticos durante o *boom* de Rádios Livres da década de 1980:

Se um adolescente quisesse relatar uma experiência sexual que acabou de viver, ele se dirigia à Rádio Tomate, por exemplo, e falava sem entraves; se um roqueiro quisesse mostrar um disco pirata que acabou de descolar ou então a fita de sua banda, poderia se dirigir à Rádio Oblíqua; um homossexual discriminado por sua opção sexual poderia entrar no ar pela Rádio Gay e fazer a denúncia; um cidadão que quisesse reclamar da falta de água ou de um esgoto entupido em sua rua, usaria a rádio livre de seu bairro. Ou qualquer outra, porque os papéis de cada rádio não eram tão precisos. (MACHADO, *et al.* 1987, p.30)

Não há mediação efetiva entre quem deseja falar na rádio e o

público, o espectador fala diretamente para o espectador sem qualquer exigência técnica, como padrão de voz ou correção lingüística, não há locutores, mas pessoas comuns que se expressam através da rádio. Muito longe da tradicional ênfase profissional dos “comunicadores” não há “o *especialista da expressão, o especialista do processamento técnico, o especialista do conteúdo ou porta-voz*”<sup>33</sup>. Mensagem carregada de ruído, informalidade, descontinuidade, as rádios livres introduzem “*a palavra viva, cheia de força, indecisão e desejo*”.

## 2.5 A Proibição

Há uma frase famosa que circula entre os Meios Livres: “*Piratas são eles, nós não estamos atrás do ouro*”<sup>34</sup>, quer dizer, *não precisamos de autorização ou licença e não queremos explorar comercialmente o meio, mas a livre expressão*. Um uso dos meios que é proibido pela lei e é feito porque a tecnologia permite e, principalmente, porque a vontade e o direito prevalecem. E as punições não deixam de acontecer: em 2007, a Rádio Filha da Muda, em Rio Branco, que estava à quase um ano em operação na Universidade Federal do Acre, foi invadida com um mandato judicial e teve seu transmissor apreendido. Em 2006, a Rádio Várzea, na USP, também foi invadida pela Polícia Federal e teve todos os seus equipamentos levados. A Rádio Muda, em Campinas, já teve a visita da Polícia Federal algumas vezes, porém a estratégia de ação do coletivo impediu que o transmissor fosse levado. Cada caso de repressão é um caso, mas os Meios Livres têm se organizado para ter um forte argumento legal que garanta os direitos de todos os envolvidos, a sua defesa e para que se mantenha a decisão política que une

---

<sup>33</sup> Ibidem, p.32

<sup>34</sup> Essa expressão aparece no panfleto da Cooperativa dos Rádio-Amantes, já extinta.

estes coletivos. Sem dúvida, as intervenções policiais dificultam o aparecimento deste tipo de prática radiodifusora, mas não o impedem e acabam por delimitar a configuração e o campo de ação dessas emissoras que ocupam posições marginais na esfera midiática.

Em caso de desrespeito ao código, por ignorância ou provocação, a instituição encarrega-se de explicar o código tácito ou de castigar o criador de problemas, para voltar ao acordo que rege os diálogos e cuja continuidade sem dificuldade não costuma ser questionada. (SFEZ, 1994 p.323)

Edson Duarte elabora, em 2005, enquanto Deputado Federal, um dossiê relatando o histórico da violência contra as rádios comunitárias no Brasil entre 2003 e 2004: **Querem Calar a Voz do Povo**. Afirma, em pronunciamento de 24/02/2005 na Câmara dos Deputados, que inúmeras rádios foram fechadas de forma humilhante, sendo pessoas enquadradas como quadrilhas e ameaçadas com “fuzis e metralhadoras”, ações policiais que não corresponderiam à lei, mas a uma política herdada do regime militar.

Esta polícia não sabe lidar com essas pessoas que atuam nas emissoras comunitárias. De forma covarde, apontam suas armas para quem se encontra no estúdio da rádio, sala ou residência; humilham crianças e adultos; e mais: agem ocultando a identificação, impedindo o registro da ação por aqueles que estão sendo agredidos. Isto é, a Polícia Federal e a Anatel, que é, na verdade, quem orienta a PF nesses casos, atuam tal e qual na ditadura militar. (DUARTE, 2005 p.10)

Na época do dossiê 10 mil pessoas estavam sendo processadas “pelo crime de falar”; em 2004, quatro mil rádios foram fechadas (livres ou comunitárias). Veja abaixo os quadros detalhados dos anos anteriores obtidos diretamente na Polícia Federal por Iara Bernardi, eles revelam a ostensividade

da repressão quanto ao uso do espectro eletromagnético<sup>35</sup>.

<b>ANO</b>	<b>No. De rádios apreendidas pela PF</b>
1998	1.672
1999	1.705
2000	2.721
2001	2.093
2002	1.950
2003	2.759

<b>ANO</b>	<b>No. De rádios fechadas pela ANATEL</b>
2002	3.200
2003	4.412

#### **Enquadramento em processos (período 1998 a 2002)**

##### **Lei no. 4.117, art. 70**

- 4.474 inquéritos instaurados
- 1.794 indiciados
- 24.780 equipamentos apreendidos

##### **Lei no. 9.472, art. 183**

- 5.574 inquéritos instaurados
- 1.820 indiciados
- 92.971 equipamentos apreendidos

##### **Lei no. 9.472, art.185**

- 94 inquéritos instaurados
- 9 indiciados
- 4 equipamentos apreendidos

---

<sup>35</sup> Ibidem, p.41

**TOTAL**

- 10.142 inquéritos instaurados
- 3.623 indiciados
- 117.755 equipamentos apreendidos

Hoje o Governo dispõe de equipamentos modernos e uma grande determinação em fechar as emissoras “clandestinas”. (...) Em 2000, a Anatel festejou a compra de sofisticados equipamentos de rastreamento de emissoras. A Polícia Federal, por sua vez, criou grupos específicos nos estados para essas ações. (...) criação do Grupo de Combate às Rádios Clandestinas (GCrac). *Ibidem*, p.41

As transmissões da TV Piolho, portanto, se adaptam a um contexto de proibição e punição e ocorrem clandestinamente, não havendo qualquer divulgação massiva em quaisquer outros meios. O local do estúdio não é divulgado “no ar” e muito menos o rosto ou nome dos participantes é revelado – a disseminação do estúdio enquanto local coletivo é feita entre indivíduos que se convidam uns aos outros, o que caracteriza uma experiência bastante localizada de transmissão. Até o momento de escrita desta pesquisa, não se pôde relatar alguma opressão extensiva, denúncia ou apreensão dos equipamentos, justamente porque a prática do coletivo tem ocorrido de forma bastante cuidadosa, de modo a evitar problemas com a polícia. Todos os participantes estão cientes do risco que correm ao estar presente numa transmissão ilegal e o fazem por opção política de desobediência. Nenhum indivíduo, por sua vez, será nominalmente responsabilizado pela prática diante da lei, justamente como uma forma de dissolver o poder punitivo, todo o coletivo que não possui nome ou registro é responsabilizado: todo mundo é ninguém perante às instituições, trata-se de uma estratégia de sobrevivência que evita a punição objetiva de algum indivíduo em função dos outros.

Acredita-se que a proibição marca a fronteira de poder entre as

emissoras que enunciam, representam a verdade e o público em geral. É justamente proibindo que se pode garantir o *status* da massa receptora, esta que não está autorizada e, muito menos, capacitada para transmitir - tal incapacidade é resultado dessa regulamentação institucional que coíbe qualquer tentativa e vai criando uma barreira de distanciamento que conforma o modo de comunicação unilateral preponderante na sociedade contemporânea. Trata-se de uma fronteira muito bem delimitada pela lei e sustentada pelos órgãos reguladores, fiscalizadores e punitivos, ancorados no poder do Estado.

Essa é a fronteira de silenciamento, entre o que nomeia e o que é nomeado, tendo-se, como conseqüência, a constituição de uma identidade social baseada na exclusão: o *outside constitutivo*<sup>36</sup> da identidade brasileira é justamente a massa receptora silenciada. Trata-se, portanto, de uma identidade que é formada pelo próprio silêncio e pela identificação com a mensagem autorizada que é apenas recebida, a única que jamais silencia. Esse conjunto de regulamentações proibitivas conforma uma condição para o discurso, resultando em leis pré-discursivas, porque delimitam as fronteiras para a possibilidade de enunciação e conseqüentemente forjam um real que é instrumento e efeito das relações contingentes de poder; essas leis proibitivas ontologizam a subordinação.

Essa proibição é e exclusão e, por tais motivos, é violência simbólica e também física porque torna o público, pela sua generalização, irreal em sua especificidade.

Como a realidade poderia ser refeita? Aqueles que são irrealis já sofreram, em algum sentido, a violência de 'desrealização'. O que é, então, a relação entre a violência e aquelas vidas consideradas como irrealis? (...) Eles não podem estar em luto porque já estão

---

<sup>36</sup> Termo utilizado por Butler (1993)

sempre perdidos ou nunca “foram” e devem ser assassinados, desde que parecem viver (...) neste estado de mortandade. (BUTLER, 2006 p.33).<sup>37</sup>

## Capítulo 3

### 3.1. Análise dos Enunciados

Parto para a análise dos enunciados a partir de uma distinção entre *representação* e *expressão*, questões semânticas que tradicionalmente têm sido vistas separadamente, cabendo aos estudos lingüísticos compreender o caráter representacional da língua e delegando à expressão uma função estética, atrelada à localidade de um sujeito, cuja sistematicidade não poderia ser alcançada. Lucien Sfez, em sua *Crítica da Comunicação* (1994) considera que a Televisão (num sentido *Mass Media*) requer dessa expressividade para o estabelecimento de uma liturgia televisiva que camufla seu caráter representativo em função de uma TV que funciona como expressão do espectador - este se expressa no próprio ato de recepção. Ambas as categorias (representação e expressão) seriam paradoxais pela sua oposição constitutiva.

A *representação* separa o representante do representado, causando uma ruptura temporal entre o objeto em si e o instante de sua representação. Aquele que representa é intermediário, mediador de uma verdade universal, transforma o particular e concreto em universal abstrato<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> How might reality be remade? Those who are unreal have, in a sense, already suffered the violence of derealization. What, then, is the relation between violence and those lives considered as “unreal”? (...) They cannot be mourned because they are always already lost or, rather, never “were”, and they must be killed, since they seem to live on (...) this state of deadness [tradução minha]

<sup>38</sup> Sfez, p-74 (1994)

Assim que a lei, por exemplo, não é uma agregação de singularidades, mas um enunciado que transcende. O representante possui, portanto, uma face dupla, dinamizando o particular em universal (uma interface). O autor sugere que, por tais razões, denominamos de *Mídia* ou *Meio* as técnicas ou atos de emissão enunciativa das TV's, jornais, rádios, etc.

A *expressão*, por sua vez, é auto-organizada, direta, espontânea e não intermedeia qualquer universal, compreendendo em si mesma o próprio universal, não havendo qualquer ruptura temporal entre objeto e mensagem. O modelo expressivo prevalece na auto-gestão e não produz onipotências representativas que desejam posições de poder.

Tomar um programa de TV que se constituiria, sobretudo, enquanto representatividade por expressão é considerado pelo autor como um ato doentio (*tautismo*) pois

(...) crê-se estar na expressão imediata, espontânea, onde reina soberana a representação. Delírio. Creio exprimir o mundo, esse mundo de máquinas que me representam e que, na verdade, se exprimem em meu lugar. *Ibidem*, p.75

Dessa forma, os *Mass Media* possuem um caráter representacional que afirma um tom expressivo porque

(...) nos expõe à confusão do emissor e do receptor, sem que possamos encontrar nenhuma fonte do real fora do circuito fechado das mensagens que se remetem umas às outras. *Ibidem*

O fechamento desse circuito depende da crença do espectador quanto à possibilidade de representação pelo emissor; tal crença é, contudo, fruto de uma expressividade que identifica e aproxima emissor e receptor enquanto o primeiro se afirma continuamente (e tautologicamente) na sua

própria organicidade maquinal tecnológica. O emissor de um esquema representativo cartesiano<sup>39</sup> tem o poder de decidir “o outro ou pelo outro”. O autor percebe de um modo catastrófico tal “confusão” entre representação e expressão.

Pretendo, contudo, manter tal distinção para a análise do presente *corpus* de modo a enfatizar o fundamento representacional dos *Mass Media* em oposição ao resgate expressivo e autônomo de uma prática de Mídia Livre. Começo, enfim, a análise enfatizando o caráter representacional dos enunciados globais para, em seguida, revelar o caráter expressivo dos enunciados da TV Piolho.

É importante considerar que os enunciados serão pensados sob uma perspectiva dos *Speech Acts*<sup>40</sup>, sem pensar no significado em si das palavras mas na realidade sobre a qual se fala ao usar as palavras. A linguagem é encarada, portanto, como uma forma de ação e não em *abstrato*. A linguagem é uma prática social concreta, uma forma de atuação sobre a realidade simbólica, de modo que se dissolve o conceito de significado para pensar na prática de linguagem de modo contextual, o que envolve condições de uso e intenções do falante.

Assim é inerente à natureza de qualquer procedimento ou ação que os limites de sua aplicabilidade e de sua definição precisa permaneçam vagos. Deve ser considerada a situação em que se fez o proferimento, o que define um *ato de fala* em sua totalidade.

### 3.2. Rede Globo

(...) [há que] romper com a prática de Rádio,

---

<sup>39</sup> Transmissão linear da informação  
Austin (1962)

<sup>40</sup>

*da Televisão e da maior parte dos meios de imprensa, que consiste em selecionar as informações em função dos preconceitos vigentes, em fazer-se árbitro da decência e da indecência, em transpor em linguagem dita conveniente, a expressão das pessoas envolvidas num problema, em suma **substituí-las**. [grifo meu] (GUATTARI, 1987)*

Pretendo discutir o caráter representacional das mensagens desta emissora, a partir da análise do programa **Fantástico**, transmitido todos os domingos à noite. Antes de tudo, ao considerar que tais enunciados pretendem-se representativos ou representacionais, quero dizer que trabalham em função do estabelecimento de uma verdade a ser acatada pelo público. Tal representatividade, contudo, só pode existir se o público confia no emissor e o toma como enunciador privilegiado. Os enunciados nos permitem ver de que forma a emissora negocia os sentidos a favor do estabelecimento de um grau veritativo (*constatividade*) elevado, sem qualquer relativismo expressivo - os textos, em geral, possuem um tom afirmativo, cujos referentes organizam-se num núcleo auto-referencial, mas que apontam para um possível exterior já lá; quero dizer, a significação é realizada, pressupondo um referente real, já existente.

(...) o espectador fica à distância, e é irresponsável, mas ao mesmo tempo crê estar presente ao evento e dele participando. Ora, essa participação é um engodo, esse olho e esse ouvido não têm condições de agir sobre e no que é mostrado. (SFEZ, 1994 p.309)

Sfez estabelece uma relação entre enunciados representativos e a formação da república, pois a representação supõe um corte entre o representante (relativo, sempre variável) e o representado (absoluto, inominado), assim tanto a representação política quanto maquínica (midiática)

possuem unidades discretas, analíticas, reunidas numa cadeia representativa redundante. Representar, portanto, é estabelecer uma nomeação (nomear), o que gera uma pré-condição para qualquer hegemonia política, pois introduz significados, reorganizando os referentes dentro de uma certa identidade ou identificação. Assim, pela repetição, o nome irá fixar seu referente que também pode ser modificado na reiteração constante - representar é, portanto, uma ação de poder sobre a realidade simbólica, que vai produzir conseqüências, por sua vez, na realidade material objetiva.

O poder dos termos (...) não é derivado da sua habilidade em descrever adequadamente ou compreensivamente uma realidade política que já existe; ao contrário, o significante político se torna eficaz ao instituir e sustentar um padrão de conexões enquanto realidade política. (BUTLER, 1993 p.210)<sup>41</sup>

O *corpus* em questão contém enunciados basicamente jornalísticos, isto é, descritivos, contidos nas reportagens ou matérias jornalísticas. O que chamo atenção na análise do programa Fantástico (11/05/2008) é a função dos *âncoras* ou apresentadores do programa. Eles permanecem grande parte do tempo no ar durante a transmissão do programa e criam um vínculo de intimidade e expectativa com o espectador. Eles anunciam e interpretam as matérias ou entrevistas, atribuindo valores aos temas e utilizando palavras chamativas - contextualizam, enfim, os quadros e reportagens do programa. Enunciam, inclusive, a capacidade que o Fantástico teria de ensinar, representar, revelar, explicar, responder. Veja que há uma grande utilização de palavras que tendem a caracterizar as matérias enquanto portadoras de uma verdade que será anunciada.

---

<sup>41</sup> The power of the terms (...) is not derived from their ability to describe adequately or comprehensively a political reality that already exists; on the contrary, the political signifier becomes efficacious by instituting and sustaining a set of connections as a political reality. [tradução minha]

**00:21** - (...) Ana Carolina de Oliveira me deu uma entrevista surpreendente e **reveladora** (...)

**01:38** - (...) E pra esse dia Fernanda Lima, Vanessa Lóes, Dirá Paes, Carolina Dieckman, Vanessa Giácomo e Daniele Winitz. Todas elas vão **contar aqui o segredo** da maternidade (...)

08:04 - (...) Um desafio para os pais. **Como ajudar** os filhos no dever de casa sem fazer a lição por eles? (...)

14:36 - **O repórter que mais conhece o Brasil apresenta hoje** uma oficina que é uma loucura. Maurício Krubusly (...)

31:00 - (...) Você **vai saber com detalhes** como eram as brigas entre eles, discussões que começavam (...)

42:29 - E, nessas horas, **qual é o papel** dos pais? Será que eles devem ajudar? E mais do que isso, **como ajudar?**

46:27 - Depois do intervalo, especialistas **prevém** que em cinco anos o trânsito de São Paulo vai parar de vez.

Os âncoras <sup>42</sup> têm um papel muito importante em manter a audiência, tanto que grande parte do programa existe para anunciar o que terá o programa; repetidamente, a entrevista com Ana Carolina de Oliveira é anunciada com palavras fortes para instigar a curiosidade do público. Cria-se uma tensão grande que, na maioria das vezes, extrapola o conteúdo da própria matéria. Palavras excessivamente chocantes que não condizem com a entrevista em si - há uma supervalorização dos próprios conteúdos.

---

<sup>42</sup> Podemos pensar justamente que a âncora estabelece uma fixação; tal é a origem da palavra de um instrumento que fixa a embarcação em um ponto para que não saia à deriva. Assim que, podemos pensar, metaforicamente, nos meios livres, que não se utilizam de âncoras, enquanto enunciações midiáticas à deriva.

**00:21** - (...) Ana Carolina de Oliveira me deu uma entrevista **surpreendente e reveladora** (...) A mãe de Isabella também narrou com **todos os detalhes** (...)

**01:38** - (...) E pra esse dia Fernanda Lima, Vanessa Lóes, Dirá Paes, Carolina Dieckman, Vanessa Giácomo e Daniele Winitz. Todas elas vão **contar aqui o segredo** da maternidade (...)

**02:19** - Lolô e Tavinho vivem as **maiores trapalhadas** pra comemorar a data.

**02:36** - Mas agora **preste atenção**. Vai começar uma história **dramática, emocionante**. (...) história **emocionante** que a repórter Carla Modena vai contar agora.

**08:04** - O Fantástico já começou e trata ainda de um **exemplo de superação**.

**08:23** - Um **show de Ilusão** (...) Tem também as **emoções do Rei**. Uma **surpresa** aguarda Roberto Carlos (...)

**14:36** - O repórter que mais conhece o Brasil apresenta hoje uma oficina que **é uma loucura**.

**18:37** - As **emoções** do Brasileirão de Futebol.

**24:29** - E mais. Uma mulher é **algemada dentro do ônibus que vai explodir**.

Os exemplos poderiam seguir. Entre outras coisas, o programa é construído previamente de modo a conter um ritmo, sendo a temporalidade e a economia de seu uso de extrema importância. Há repetições, antecipações e permanências, por um lado e, por outro, um uso extensivo, constante e ininterrupto do tempo. Há, portanto, uma economia temporal significativa no uso desses enunciados, que trabalha com a negociação entre o novo e o velho.

Podemos perceber, portanto, na textualidade, como se faz o uso desse tempo. Em primeiro lugar, seria significativo citar o caso da entrevista com Ana Carolina de Oliveira, protagonista de uma grande exposição na mídia, de um caso que estava em foco naquela semana: um cruel assassinato de uma criança ocupou toda a imprensa brasileira e rendeu grandes atenções da sociedade, dada a crueldade do crime, a classe social mediana dos envolvidos, entre outros fatores que não cabem aqui discutir. O fato é que, sendo a primeira entrevista concedida pela pessoa em questão, trata-se de um conteúdo jornalístico capaz de atrair a atenção de um grande público. Daí que, desde o primeiro instante do programa, utilizando um tom de imediatismo, a entrevista é anunciada. A sua exibição, todavia, se dá somente perto do final do programa, quase 1 hora e 30 minutos depois. Ela é citada oito vezes no programa, sendo que a primeira citação ultrapassa um minuto. Há, inclusive, aos 29 e 31 minutos de programa, duas reportagens sobre o caso, uma falando da vida pessoal dos envolvidos e boatos da vizinhança e outra mostrando homenagens católicas à vítima. As citações contêm forte apelação, para provocar a curiosidade do público, incluindo perguntas da entrevista sem resposta com imagens da mulher chorando e palavras de impacto.

**00:00** - Boa Noite, você vai ver hoje no Fantástico com exclusividade, uma entrevista com Ana Carolina de Oliveira, a mãe da menina Isabella, morta em São Paulo na noite de 29 de março aos 5 anos de idade. **É a primeira entrevista da mãe de Isabella para a televisão.** Ana Carolina de Oliveira me deu uma **entrevista surpreendente e reveladora.** Ela descreveu como era a sua relação com o pai de Isabella, Alexandre Nardoni, e com a mulher dele Ana Carolina Jatobá. Comentou a entrevista que ambos deram ao Fantástico em 20 de abril. **Será que Ana Carolina de Oliveira acreditou na sinceridade do casal? A mãe de Isabella também narrou com todos os detalhes o momento em que encontrou a**

**filha caída no jardim do edifício London pouco depois da menina ter sido jogada do sexto andar.** Ela conta quais foram **as últimas palavras** que disse para a filha e revela as suas **suspeitas**. Será que ela acredita que **o pai e a madrasta estão envolvidos no crime**? Ela relata também como foi o dia em que Alexandre Nardoni a **ameaçou de morte**. Diz que Ana Carolina Jatobá **sentia ciúmes dela** e descreve como foi o encontro que as duas tiveram no **cemitério no dia do enterro** de Isabella. E ainda, Ana Carolina de Oliveira manifesta o que pensa sobre a **prisão do casal** nessa quarta-feira. Revela qual é o papel que pretende desempenhar como testemunha de acusação no caso do **assassinato da própria filha**. Diz o que lhe passa pelo coração no **primeiro dia das mães sem Isabella**.

**24:29** - Depois dos comerciais. O que **as testemunhas disseram à polícia** sobre o comportamento do pai e da madrasta de Isabella Nardoni.

**29:18** - A defesa de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá aguarda nos próximos dias uma resposta da justiça ao pedido de *Habeas Corpus* para o casal. Em São Paulo Ana Carolina de Oliveira, mãe de Isabella, **recebeu uma homenagem**.

**31:00** - A partir do depoimento de testemunhas **o Fantástico traça um perfil** do pai de Isabella Nardoni, Alexandre, e da madrasta dela Ana Carolina Jatobá. **Você vai saber com detalhes como eram as brigas entre eles, discussões que começavam geralmente por causa de ciúmes e que chamavam a atenção de toda a vizinhança**

**35:22** - (*Trecho da entrevista com Ana Carolina de Oliveira, no qual aparece apenas a pergunta e não a resposta*) **A resposta de Ana Carolina de Oliveira ainda hoje** numa entrevista **exclusiva** ao Fantástico.

**46:27** - Ainda hoje a **primeira entrevista para a**

**televisão de** Ana Carolina de Oliveira. A mãe da menina Isabella.

**57:27** - Qual era a sua relação com o pai de Isabella? A resposta de Ana Carolina de Oliveira **ainda hoje numa entrevista exclusiva** ao Fantástico.

**1:03:01** - Ainda hoje, **a primeira entrevista** para a televisão de Ana Carolina de Oliveira, a mãe de Isabella. Numa conversa **franca e reveladora**.

**1:21:21** - Depois dos comerciais a entrevista **reveladora** de Ana Carolina de Oliveira. **A noite do crime, os ciúmes da madrasta**. A mãe de Isabella **em instantes** aqui no Fantástico.

Além disso, há a utilização de frases interrogativas para a criação do suspense: “*Será que Ana Carolina de Oliveira acreditou na sinceridade do casal?*”; “*Será que ela acredita que o pai e a madrasta estão envolvidos no crime?*”; “Qual era a sua relação com o pai de Isabella?”. Enfim, a **contabilização temporal** (manutenção do espectador diante da tela para o faturamento com anunciantes) ocorre até o momento da exibição da entrevista, que se dá em duas partes separadas por um intervalo comercial. A segunda parte é antecipada duas vezes de modo bastante apelativo:

**1:44:20** - Daqui a pouco Ana Carolina conta como foi o dia que Alexandre Nardoni a **ameaçou de morte** e comenta a entrevista que o casal deu aqui no Fantástico. Ela vai falar também sobre o **ciúmes da madrasta**. O Fantástico volta já com a segunda parte da entrevista de Ana Carolina de Oliveira.

**1:49:31** - Voltamos com a entrevista de Ana Carolina de Oliveira, a mãe de Isabella. Ela fala agora sobre **a difícil relação** com Alexandre Nardoni, o pai da menina.

Há outros momentos de antecipação, como o número de mágica, que é anunciado num tom realista, como se fosse uma notícia comum. Há um suspense através de perguntas e da produção sonora.

**08:23** - Um show de Ilusão. Esta mulher está sendo algemada dentro de um ônibus prestes a explodir. Será que ela escapa, Patrícia? Isso é o que a gente vai descobrir já já Zeca.

**24:29** - E mais. Uma mulher é algemada dentro do ônibus que vai explodir. Como é que ela vai escapar dessa? Daqui a pouco aqui no Fantástico.

**40:07** - Escapar algemado de um ônibus em chamas com 800 litros de combustível prestes à explodir. Esse é o desafio de hoje no Grande Prêmio Mundial da Mágica.

O que é anunciado como um quadro de magia, não passa de um quadro audiovisual que está sujeito a cortes e montagens.

A repetição também se faz presente. O tema que permeou a maior parte do programa foi o Dia das Mães; ao início de cada capítulo, atrizes jovens da Rede Globo falam para a câmera. Trata-se de enunciados bastante parecidos em todos os casos, contendo os tópicos: quem sou, comentários sobre a vida antes da maternidade, o amor, exaltação do fato de “ser mãe” como superior a qualquer outra realização de vida. O curioso é que, na abertura do programa, os âncoras anunciam que elas iriam contar “*o segredo de ser mãe*”.

**01:38** - E pra esse dia Fernanda Lima, Vanessa Lóes, Dira Paes, Carolina Dieckman, Vanessa Giácomo e Daniele Winitz. Todas elas vão contar aqui o segredo da maternidade.

**02:04 - Fernanda Lima:** Desde pequena fui muito

serelepe. Quando virei adolescente quis trabalhar logo cedo e descobri uma das minhas grandes paixões, viajar. Agora, aos 30 anos a minha grande viagem é ser mãe do João e do Francisco. Nunca tive tão feliz na vida.

**28:51 - Vanessa Giácomo:** Meu nome é Vanessa, nasci no dia 29 de março em Volta Redonda. Sou filha do Paulo e da Ivonete. Minha primeira novela foi A Cabocla onde conheci o Daniel, meu marido. E com ele eu tive um filho lindo, o Raul. Que hoje é a razão da minha vida. Sou uma mulher muito completa.

**50:14 - Carolina Dieckman:** Sou carioca, tenho 3 irmãos, cresci rodeada de homens e continuo no meio deles. Eu sempre quis ser mãe. Tenho um filho de 9 anos que se chama David e um de 8 meses que se chama José. Os amores da minha vida.

**01:08:27 - Dira Paes:** Nasci em Abaetetuba, Pará, num domingo de 8 meses, sem parteira. Sou filha da Dona Flor e do seu Edir. No cinema encontrei um amor e desse amor nasceu o maior amor do mundo que é o Inácio, meu filho a pessoa mais linda. To até pensando em mudar meu nome de Dira Paes pra Dira Mães.

**01:26:01 - Vanessa Lóes:** Nasci no Rio de Janeiro, sou filha e neta de artistas. Tenho um irmão, vários amigos, viajei à beça, fiz dança, tablado, desenho industrial, quis ser atriz e encontrei o meu amor, a gente casou, ele me deu um filho lindo que é o homem mais precioso que eu tenho na vida. Gael.

No caso de “Sexo Oposto”, além de o quadro apresentar, em sua estrutura, uma mistura entre narrativa e documentário, a introdução do quadro, através de perguntas taxativas, produz a idéia ou expectativa de que o quadro trará respostas às perguntas.

**02:19** - Qual é o papel da mãe na família? E o do pai? Fernanda Torres e Evandro Mesquita brincam com esse assunto em “Sexo Oposto”.

**1:03:01** - Pai ou Mãe? Qual o mais importante? “Criar filho homem não tem o menor segredo né. Você tranca o moleque no quarto com um computador, um videogame e uma televisão e aí minha filha, você esquece!” Você vai se divertir com Fernanda Torres e Evandro Mesquita. Daqui a pouquinho aqui no Fantástico.

A criação de expectativas realmente chama muito a atenção na performatividade dos enunciados em questão. Esta tem muito a ver com a questão da representação justamente porque não haveria expectativa televisual se não se esperasse pela representação, a simbolização completa, a realização sonora e imagética de algum conceito ou realidade, um ensinamento, uma notícia ou revelação. O resultado prático é a fixação do espectador diante da tela, ele permanece conectado ao canal esperando receber essa representação que jamais se realiza de fato; tem-se a vaga impressão que essa representação acontece. A Rede Globo trabalha muito com a afirmação de sua correspondência a um possível real, veja as chamadas mais conhecidas como “Globo e Você tudo a ver” ou “Globo, a gente se vê por aqui” implicam numa interpretação de que a Rede Globo é o espelho das pessoas. Outra vinheta, “Quem tem Globo tem tudo” também é bastante impactante afirmando, por sua vez, que a emissora pode exercer uma correspondência com o mundo e a vida das pessoas.

Afirmar a própria representatividade e legitimar-se enquanto narrador privilegiado são ações, intenções: o ilocucionário de tais enunciados. Meio período assistindo-se à Rede Globo é suficiente para se ter uma quantidade significativa de conteúdo audiovisual cuja pragmaticidade é justamente a afirmação do meio em si enquanto representante cultural,

político, etc. Constam no *corpus* da pesquisa gravações dos trechos descritos e comentados abaixo:<sup>43</sup>

1. Ana Maria Braga cozinha junto com um vendedor de pamonha: a temática cenográfica é de festas juninas, uma cozinha no estilo “caipira”. Os cozinheiros que ensinam a preparar o prato são pessoas simples que não possuem trejeitos televisivos ou uma linguagem corporal de TV. Como coadjuvante, um jovem ator de novelas. A apresentadora conversa com intimidade e procura mostrar respeito pelas habilidades culinárias do convidado. O que garante à emissora um caráter aparentemente aberto, à identidade popular. Apesar do tom próximo do “popular”, utilizando uma modalidade de linguagem menos culta, a apresentadora centraliza a enunciação. O espectador percebe um conteúdo não elitizado, o que oculta a monologia e unilateralização desta comunicação televisiva.

2. EPTV Cidade: jornal local de Campinas e região. Aborda temas de “utilidade pública”, o que garante à emissora uma imagem socialmente ativa e comprometida com o espectador; trata-se de uma intenção de se legitimar perante à comunidade.

3. TV Globinho: mulher utilizando um tom adulto e pedagógico fala em poucos segundos sobre o Meio Ambiente. A Rede Globo pretende, a partir disso, construir uma auto-imagem de um meio que representa e apresenta os problemas reais. A apresentadora fala diretamente à criança espectadora, comprometendo-a com a solução dos problemas ambientais (“Faça”, “Cuide”). Além de supostamente representar as necessidades globais, ainda performase enquanto instrumento de “utilidade pública” de formação pedagógica.

---

<sup>43</sup> Gravações da Rede Globo, em 05 de junho de 2008.

4. EPTV, jornal do meio-dia: Na tela um texto enviado pela internet por algum espectador. A tela simula uma página da internet, o que funciona para aproximar simbolicamente os dois meios, dando uma impressão de interatividade na TV.

5. EPTV, jornal do meio dia: Utiliza-se a voz de uma criança para pedagogizar o público, induzindo a criança a falar algo que legitime o discurso da TV.

6. Vídeo Show: Zeca Camargo falando sobre a sua viagem ao Japão, afirma que a Globo conquista o público naquele país, “lá o Fantástico também é fantástico”. Com isso pretende mostrar que a identidade Globo/Brasil sobrepõe as barreiras de nação e cultura. Percebemos que a emissora quer afirmar que seus enunciados representam o imaginário brasileiro, os processos e signos de identificação/identidade.

7. Vídeo Show, Falha Nossa: Bastidores, erros, *making off* . Mistura a dramaturgia (da novela em curso) com a realidade, pois cria uma “intimidade” com o espectador através da exibição de registros espontâneos dos atores durante a gravação

8. Novela, “A Cabocla”: Novela “de época” figura a vida interiorana, aborda questões políticas do coronelismo. Aparecem diferenças lingüísticas entre brancos letrados, iletrados, negros e camponeses. Há uma mistura entre romance e política, envolvendo um amor proibido. A novela tenta figurativizar um Brasil e produz uma memória cultural. A montagem cenográfica ambienta o campo, luz natural, roupas com poucas cores e, no falar dos personagens, marcações fonéticas “camponesas”, além da música regional. A novela trabalha temas relativamente universais, como doença, amor, vingança, utilizando uma roupagem específica. Reprodução de um estereótipo para identificação do público rural.

### 3.3. TV Piolho

Podemos notar nos enunciados da TV Piolho evidências de uma mudança de valores com relação à produção audiovisual, qual seja uma desmistificação do vídeo enquanto produto - não há criação de expectativas, um filme pode ser interrompido, mixado a intervenções sonoras (um comentário ou mesmo a ausência do som original). Isso acontece devido ao fato de que todas as produções à Piolho são exibidas livremente, sem o pagamento de *royalties* de direito autoral. A TV Piolho pratica uma “exibição pública”<sup>44</sup> sobre a qual não recebe lucros, quer dizer, não cobra e nem paga pela exibição de filmes ou shows de grandes produtoras. Qualquer vídeo pode ser exibido e também sofrer intervenções momentâneas; muito mais que exibidores os/as “piolhos” estabelecem uma relação de consumidores, leitores numa escala localizada.

Acerca deste aspecto a TV Piolho também pratica desobediência porque questiona a apropriação capitalista da informação, dos dados audiovisuais, sonoros ou bibliográficos. O coletivo acredita que as leis que associam uma produção intelectual a taxas ou burocracias existem para controlar a força criativa, já que uma performance/ação imagética, sonora e tecnológica livre, quando recebe e potencializa elementos significativos vindos de fora, de toda pesquisa e formação intelectual dos participantes dessa emissora, permite a afirmação de intenções criativas através da exibição dessas peças audiovisuais (filmes, músicas, videoclipes, animações) reguladas.

Assim, a partir do momento em que deixa de estabelecer qualquer vínculo ou função econômica com esses vídeos licenciados (*copyright*) que apresenta, a TV Piolho permite a si mesma construir outra significação a

---

<sup>44</sup> Utilizando os termos das Leis de Direito Autoral

partir desses materiais. Há, assim, um esvaziamento de valor econômico e, inclusive, do mito, do arrebatamento contemplativo. Os vídeos que exibe sem *royalties* ou autorização são utilizados para a expressão de um coletivo no momento de sua performance televisiva. Exemplos dessa prática podem ser vistos nas transmissões do dia 26/11/06 (DVD1) aos 00:09:00 e 00:20:00 e 00:33:40 em que os vídeos são interrompidos, mal anunciados e sofrem intervenções como cortes da imagem ou comentários no microfone. Outro exemplo, em 00:59:00 min. em que o videoclipe Smooth Criminal de Michael Jackson é mixado com músicas da banda Pink Floyd. A interrupção de filmes licenciados ou a sua exibição descompromissada são práticas bastante comuns durante as transmissões da TV Piolho.

A mensagem televisiva nesse caso está motivada por intencionalidades expressivas, o uso dos equipamentos dá lugar à espontaneidade do participante enquanto “bricolador” dos materiais audiovisuais, incluindo sua própria voz e a manipulação da câmera e dos objetos filmados. Não está sendo pré-formulado, roteirizado e produzido um formato TV padrão, profissional, justamente porque o objetivo não é criar um vínculo, uma sedução ao espectador. Se atentarmos para as transcrições das transmissões, podemos perceber que, enquanto interferem no microfone, os participantes não planejam suas falas tanto que há um grande número de auto-correções, veja os grifos abaixo<sup>45</sup>:

(26/11/2006 - DVD1)

**CP01 00:28:46:** Vamos interromper a transmissão do

---

<sup>45</sup> Durante a análise dos enunciados, procuro retirar exemplos da transcrição. Estes, porém, não são os únicos e as práticas enunciativas aqui descritas são recorrentes em outros trechos das transcrições, mas não foram colocadas no texto. Assim, não farei uma discretização minuciosa das ocorrências, estas podem ser observadas pela do próprio *corpus*. A taxa de amostragem das ocorrências é maior que a anexada no presente texto, mesmo assim não foi feita qualquer descrição estatística, sendo a análise dos dados qualitativa .

Fear and Loathing in Las Vegas em galego pra passar outra coisa que dê pra entender **a gente optou** (risos) **foi uma escolha** (risos) é isso aí TV Livre no ar.

CP01 00:45:40: Alguém quer? Vai lá! Então. **O áudio não tá tocando mas o áudio não tá chegando na mesa... entendeu não tá entrando na mesa ... ah é?** A então ... é isso, com vocês ... sem som. daqui a pouco a gente resolve a questão do som estamos trabalhando nisso para o seu melhor prazer (risos)

(23/09/2007)

**CP04 00:04:15: É eu assisti ontem. A gente assistiu.** Muito bom, realmente muito bom. Muito violento. Pra quem gosta da polícia Como funciona a polícia no Rio. O BOP Batalhão de Operações Especiais da Polícia Federal

Outra característica expressiva que podemos notar nos enunciados da TV Piolho tem a ver com o fato de que muitas falas não são dirigidas aos espectadores mas às próprias pessoas que estão no estúdio. Veja os grifos:

(26/11/2006 - DVD1)

**CP01 00:40:25:** Ah essa é uma banda Atari Teenage Riot tava tocando ... **tem tem vários.**

**CP01 00:45:40: Alguém quer? Vai lá! Então. O áudio não tá tocando mas áudio não tá chegando na mesa ... entendeu não tá entrando na mesa ... ah é? A então ... é isso, com vocês ... sem som. daqui a pouco a gente resolve a questão do som estamos trabalhando nisso para o seu melhor prazer (risos)**

**CP01 00:57:20:** Alô TV Piolho Alô TV Piolho Alô TV Piolho no ar aí... **valeu...por tocá um som de leve ... vai rola um por enquanto um aqui de leve Smooth**

Criminal

**Deixa eu tocar um som aí**

**CP01 01:14:20:** Alô. **É melhor deixar...** Alô. No ar. **Não, mas aí fica atrasado ... yeah**

**CP02 00:03:16:** **Certo certo. Então tem que ser aquele cabo antigo.** É isso aí, logo logo, estamos quase lá O calor é escaldante, mas tudo bem. Um pouco de microfonia...

Veja que as falas alternam, ora dirigem-se ao público, ora às outras pessoas que estão no estúdio. Isso se deve ao fato de que não há uma separação exata entre público e enunciador, o microfone é um viés expressivo que presentifica o intento de transmitir e é utilizado funcionalmente num contexto local de transmissão. Ou seja, os enunciados não são formulados *a priori* para um público - a noção de público é bastante dispersa, justamente porque atingi-lo não é o objetivo principal dessa performance televisiva. Prova disso é que muitas frases começam a ser ditas, mas não são concluídas, veja o grifo:

(11/2007 transmissão B)

**CP01 01:39:00:** Alô TV Livre Canal 20 UHF. Você não está na Rede Globo. Você não está assistindo a uma televisão comercial que quer somente ganhar dinheiro ou fazer (...) Nós passamos o que gostamos TV Piolho. Então a gente vai falar aí o que passou O que que foi?

(23/09/2007)

**CP02 00:07:27:** Ao vi... Tv Piolho... Brasil... Beleza ... Amigos. Tudo muito simples.

**CP02 00:29:03:** Alô agora vocês tem uma palavrinha

aí do nosso presidente<sup>46</sup>. O que a gente vai assistir agora?

Um fato bastante interessante relacionado com essa dispersão de significado, expressividade momentânea e localizada de um texto sem fechamento, ocorreu durante essa transmissão do dia 23/09/2007. O filme “Tropa de Elite” é comentado, anunciado, polemizado inúmeras vezes,

**CP02 00:53:00:** Daqui a pouco Tropa de Elite na TV Piolho

**CP04 00:00:00:** É verdade que vai passar o filme Tropa de Elite hoje na TV Piolho? Ouvi dizer que vai passar o filme Tropa de Elite hoje na TV Piolho atravessando o Fantástico é verdade?

**CP04 00:02:33:** Ô que da hora então né porque então quer dizer que é verdade que vai passar o Tropa de Elite. Tô super empolgada aí pra assistir o filme cara (risos)

Enfim, após inúmeras referências, discussões, polêmicas e comentários sobre o filme ele não é transmitido de fato. Cria-se uma expectativa sobre uma produção audiovisual bastante comentada na sociedade e mídia em geral, chama-se o espectador a “ficar antenado” e assistir, mas o filme não é transmitido. Acontece uma dispersão significativa que só é possível em se tratando de uma enunciação expressiva, de uma intencionalidade dinâmica e descompromissada. A expressividade da TV Piolho pode ser percebida não apenas no aspecto verbal - da fala. Vale, porém, enfatizar que o verbal, nesse caso, corresponde à fala, a voz fluida de vários indivíduos que se mistura e é amplificada pela técnica. A objetividade dos enunciados é bastante localizada e não há qualquer formulação prévia

---

<sup>46</sup> Isso é afirmado, contudo não ocorre qualquer palavrinha de qualquer presidente. Este é um boneco que fica sendo filmado aleatoriamente.

para esta oralidade que é natural, aproximada do que J. Derrida chama de uma “fala plena e plenamente presente (presente a si, a seu significado)”<sup>47</sup>. Não se trata, porém, de uma fala originária e pura, no sentido de que não deixa de receber algum suplemento de escritura - ela é uma situação de fala que está também subordinada a caracteres originalmente escriturais, quer dizer, modos de falar já colocados pelo padrão televisivo que conhecemos. Veja os grifos:

(26/11/2006)

**CP01 00:28:55: E para você telespectador nós apresentamos** o nosso novo membro da TV Livre

**CP01 00:30:55: Sempre com muito amor (risos) é um oferecimento da TV Piolho**

**CP01 00:45:47: TV Piolho em busca de uma programação** em teste permanente ...

(23/09/2007)

**CP02 00:02:43: Vocês estão assistindo a TV Piolho** e suas texturas. To fazendo uma *pan* aqui nos estúdios.

**CP02 00:07:27: Ao vi... Tv Piolho... Brasil...** Beleza ... Amigos. Tudo muito simples.

**CP04 00:01:40: DUBLAGEM: Alô Alô olá a pessoal. Boa Noite. Boa Noite** a todos.

**CP04 00:06:00: Oi não se enganem** com o filme Tropa de Elite. Uma visão moralista. Observem no final qual é a moral da história. **Assistam e façam** a sua própria opinião. Não vão na opinião da Globo. Nada de assistir Fantástico e ir no que eles falam.

A forma como se dirige ao espectador (“para você

---

<sup>47</sup> DERRIDA, 2004 p.9

telespectador”), a utilização de frases imperativas (“não se enganem”, “assistam e façam”), falar em nome da TV Piolho utilizando a terceira pessoa do singular (“TV Piolho em busca”), a utilização de algumas palavras que são recorrentes nas redes nacionais como “Brasil”, “Boa Noite”, “um oferecimento” são enunciados que demonstram uma performance pós midiática, quer dizer, já influenciada e inscrita num contexto da mídia de massa da qual a TV Piolho toma emprestadas certas colocações. A própria repetição ostensiva do nome TV Piolho já representa uma influência da autoafirmação constante que os canais de TV autorizados fazem em sua programação. Pode-se afirmar, também, que funciona aí um jogo de ironia no momento em que os/as “piolhos” utilizam enunciados do padrão midiático.

Outra questão importante a ser observada, nos enunciados da TV Piolho, é o tempo, nota-se uma grande quantidade de tempo durante as transmissões em que permanece o silêncio e uma câmera estática. Muito ao contrário do ritmo frenético de uma televisão convencional, é bastante comum passar-se mais de um minuto com a câmera parada, a tela escura, silêncio, etc.

Isso ocorre porque o ajuste dos equipamentos é feito no exato momento da transmissão, cabos são conectados e reconectados, o estúdio é organizado simultaneamente à transmissão e, dessa forma, ocorre um tempo ocioso ou com um número muito pequeno de elementos significativos transmitidos. Não há urgência pelo conteúdo, em atrair constantemente a atenção do público, o que resulta em um tempo espontâneo, um tempo real ao dos participantes da transmissão ao contrário do tempo planejado e contabilizado das grandes emissoras. O tempo da transmissão se aproxima ao fluxo de tempo vital, vivido pelos participantes, transmitir é, portanto, uma experiência única, um momento de realização televisual.

## Capítulo 4

### Escritura Midiática

Aludindo à F. Nietzsche, J.Derrida em sua Gramatologia afirma que a escritura não está originalmente sujeita ao logos e à verdade, mas que tal sujeição veio a ser. O autor questiona se, ao romper a irreducibilidade do significado, da verdade da palavra, não estaríamos saindo da esfera da linguagem. É por isso que trabalha com uma questão de escritura para criticar a metafísica do sentido pela presença e pensar a linguagem em seu aspecto material não meramente representativo. O significante não está, por isso, atrelado a uma realidade, ele é a sua própria imagem e semelhança, um significado que se institui pela possibilidade da própria repetição - ele funciona em jogo e não pela sua unicidade.

Há, dessa maneira, uma importância temporal quanto à experiência do significado, porque a substância da expressão se basta e não toma nada emprestado fora de si, trata-se de um caráter não mundano das expressões que constituem a sua idealidade. É assim, a palavra, uma experiência do ser e sua condição de possibilidade. Não se trata, contudo, de um significado, mas de um movimento significante. Essa movimentação é motivada pela oralidade e retida pela escritura que, por sua vez, retorna à fala, como numa relação de vida e morte, entre um devir e uma paralisia. A escritura é, portanto, o lugar do logos, da representação, origem da episteme e da historicidade - quer dizer, da fixação de um devir temporal e expressivo que, por sua vez, se reintroduz na própria fluidez da fala.

Assim que, quando pensamos sobre os meios de comunicação vê-se uma relação velada entre fala e escrita, havendo um processo de escritura da sociedade que se desenvolve através dessas tecnologias midiáticas. Isso

ocorre, sobretudo, quando pensamos na mídia de massa e analisamos a forma como os seus enunciados são produzidos - eles são orais, emitidos foneticamente, porém não passam da leitura de scripts ou roteiros; tal oralidade, portanto, medeia um projeto de escritura da sociedade, havendo uma continuidade entre o pólo enunciador e o pólo receptor que acaba sendo orientado pelos textos midiáticos. Trata-se de um registro escritural que se manifesta na voz, uma voz que está fixada pelos limites de uma escrita, de uma formulação gráfica prévia e que vai estabelecer continuidade para com a sociedade no seu devir temporal.

A mídia de massa é capaz, portanto, de inscrever uma sociedade, uma cultura, fatos e desejos em um tempo aparentemente real e sincronizado com o espectador, essa escritura midiática produz uma história que se naturaliza simultaneamente enquanto é exibida. Ela é, porém, exercida em dois tempos (ou até mais), primeiramente através de um planejamento estratégico da programação em função de um mercado (público virtualmente consumidor), a roteirização, em seguida através da formulação audiovisual destes roteiros e, enfim, através da exibição, transmissão deste material eletrônico. As pessoas adaptam, enquanto público, o seu dia a dia diante do emissor televisivo, coordenam e concatenam seus horários, a sua rotina, o seu viver ou devir com essa escritura midiática.

E assim como tal inscrição conduz e retém significados ao longo do tempo, pensar em escritura também nos permite pensar na não fixidez dos significados, justamente porque se trata de um movimento que pode sofrer interferências diversas, qual seja um processo de desconstrução. O modo como J. Derrida descreve essa desconstrução cabe muito bem à análise das práticas midiáticas desobedientes, de modo que para reagir à dominação do significado irreduzível dessa Escritura Midiática autoritária não bastaria ignorá-la, mas seguir “*operando necessariamente do interior, emprestando*

*da estrutura antiga todos os recursos estratégicos e econômicos da subversão” (DERRIDA, 2004 p.30).*

Dessa forma, a Escritura não é um objeto, mas condição da episteme, não é a simplicidade irreduzível de uma essência. Dá-se um jogo entre a representação e o seu referente, um jogo de reflexos em que o ponto de origem torna-se inalcançável. A escritura não encontra o signatário, nem o referente, ela é o nome dessas duas ausências. É desse modo que a imanência da língua está exposta à forças estranhas ao sistema e não se reduz à mera escrita fonético-alfabética (onde se produziu a metafísica logocêntrica que determina o sentido do ser como presença). Trata-se da possibilidade de um “sistema” total, aberto a uma rede com várias dimensões que ligam significantes abertos a todas as cargas de sentido possíveis. Enfim não haveria signo ou símbolo, a grafia ou materialização do signo implica uma escritura originária.

Escritura implica leitura e o poder dominador de uma escritura midiática se consolida na sua expectativa. Pode-se considerar a complexidade da leitura de um espectador que não estaria em pleno domínio do código televisivo, contudo, para Derrida, a leitura não pode legitimamente transgredir o texto em direção a algo que não é ele, ou seja, a um significado fora do texto ou da escritura em geral.

(...) não há fora-do-texto. (...) porque não temos acesso à sua existência dita “real” a não ser no texto e porque não tenhamos nenhum meio de fazer de outra forma, nem nenhum direito de negligenciar essa limitação. (DERRIDA, 2004 p.194)

Assim, qualquer presente absoluto ou natureza ou aquilo que as palavras podem nomear está sempre se esquivando para que a linguagem ou escritura abram o sentido na desapareição da presença natural. Dessa maneira,

ao considerarmos a textualidade dos meios de comunicação na sua complementaridade de rastro significativo que se acrescenta ao real, considerando a sua permanência e imperatividade num contexto audiovisual, digital e impresso. Forma-se aí uma cadeia textual que se suplementa à potencialidade interpretativa. As mídias, enquanto escrituras, englobam-se em relações intertextuais auto-afirmativas, projetadas a partir de um contexto dos *mass media* no qual a informação ou o conteúdo são estabelecidos em função de uma lógica de mercado.

A partir dessas observações sobre a leitura pode-se chegar a um pensamento bastante pessimista e limitador quanto ao leitor. Daí que as Mídias Livres (Rádios e TV's Livres) aparecem como importantes para a produção de escrituras outras, transversais, que possam multiplicar as possibilidades de interpretação e de “acesso ao real”. É por isso que, pela escritura, não há apenas a possibilidade de controle e dominação, mas também a possibilidade de controle e libertação através do devir dos significados. Assim que as direções do significado são determinadas nesse processo de formulação e emissão dos enunciados midiáticos e dependem, necessariamente, da intencionalidade daqueles que detém as ferramentas ou instrumentos para tal escritura.

## Capítulo 5

### Uma Crítica à Liberdade de Expressão

Stanley Fish, em *There's No Such Thing As Free Speech: And It's a Good Thing, too*<sup>48</sup>, elabora uma desconstrução do que se entende por liberdade de expressão, a partir do liberalismo norte-americano, notadamente a primeira emenda da Constituição dos Estados Unidos da América que

---

<sup>48</sup> Fish (1994)

proíbe ao Congresso de criar qualquer lei que infrinja a liberdade de expressão (*freedom of speech*). O autor estabelece uma relação entre a tolerância e a liberdade, justamente porque um discurso possui conseqüências ao se inserir numa espécie de jogo político, no qual a primeira emenda estaria para um contexto referencial dado por interpretantes autoritários.

Assim que não haveria *freedom of speech* justamente porque um discurso jamais estaria livre de suas conseqüências e de uma ideologia do *freedom of speech* trabalhada em um padrão de entendimento geral (generalizado). Esta crítica é, portanto, baseada numa discussão legal da liberdade de expressão em que ela jamais estaria fora dos poderes do Estado, apesar da ilusão liberalista de neutralidade.

(...) os fortes proponentes do livre discurso devem tomar uma posição não-conseqüencialista e não-instrumentalista, em que a liberdade de expressão não está subordinada a algum valor ou amarrada ao cálculo de efeitos empíricos, mas é afirmada e assegurada simplesmente por ela mesma. (FISH, 1994 p.14)<sup>49</sup>

Há uma questão, portanto bastante importante a ser levantada, justamente porque o argumento da liberdade de expressão pode ser usado para justificar causas que possuem inserção na esfera autoritária de poder como, por exemplo, no Brasil, a Campanha pela Liberdade na TV<sup>50</sup>, que tem sido veiculada diariamente em vários canais desde o final de 2007 e se posiciona contra um projeto de lei a ser votado que restringe os serviços de TV por assinatura, Projeto de Lei n 29/07 que estabelece um complexo

---

<sup>49</sup> (...) the strong free speech proponents must take a non-consequentialist, noninstrumentalist position, one in which freedom of speech is not subordinate to some other value or tied to the calculation of empirical effects but is asserted and honored simply for itself. [tradução minha]

<sup>50</sup> Na internet: <http://www.liberdadenatv.com.br/>

sistema de cotas para programação de conteúdo nacional. Quem está promovendo a campanha são as próprias TV's por assinatura que utilizam o conceito de liberdade dentro de um aspecto do liberalismo, ou seja, da liberdade de mercado e concorrência. A lei em questão estabelece cotas para a veiculação de produções nacionais pela TV a cabo, fato que é questionado pelas empresas emissoras alegando que tal lei não estimularia em si e de fato a produção audiovisual brasileira. Veja que a polêmica se insere justamente numa questão de mercado na qual há um interesse para o crescimento de determinada indústria e outros interesses para a manutenção do poder de outra indústria, a estrangeira. A liberdade é alegada para justificar que não deve haver limites na veiculação de qualquer material que queiram as emissoras estabelecidas, termo que não se detém na possibilidade de abertura dos canais para a interferência de múltiplos interesses, quer-se uma liberdade comercial de veiculação de produtos audiovisuais em função da livre concorrência, nesse caso, a obrigação de exibir determinada porcentagem de material nacional representaria uma limitação de liberdade dessas empresas.

Quanto às TV's e Rádios Livres pode-se pensar num conceito de liberdade um tanto diverso, menos liberalista e mais libertário. A expressão, nesse caso, não se pretende livre de consequência ou pautada num referencial de legalidade, é claro que há um uso negociado dos argumentos legais, mas esta não é a base de uma prática de Mídia Livre. Os lugares da proibição e desobediência estão marcados pela lei, mas ao suprimir a existência desta enquanto estruturação de sua prática, articula-se num processo de desterritorialização, de linha de fuga, marginalidade. Não trabalha, portanto com uma liberdade que é relativa ao descomprometimento, mas na liberdade de ação desafiadora de uma situação política. Vê-se, portanto, uma grande influência do anarquismo no sentido de que desconsidera o Estado como autoridade como um princípio de não doutrinação, sendo que liberdade

significaria a erradicação de qualquer tipo de autoridade ou intermediação para os atos políticos, incluindo a Ação Direta.<sup>51</sup>

Concepção utópica de sociedade, e uma tendência cuja expressão é dinâmica e sempre existiu na humanidade, em oposição à concepção e tendência de governo hierárquico - sendo uma ou outra emergentes em diferentes períodos da história<sup>52</sup>

A Liberdade de Expressão, portanto, pode servir a interesses bastante distintos. Um desses interesses, o majoritário, tem a ver com uma concepção liberalista que está ligada à economia de mercado e livre concorrência, num sentido em que o simbólico é visto como um produto de valor agregado a ser consumido; muito mais que expressivo este simbólico é uma materialidade representativa, retenção de significados que se generalizam e se impõem de forma violenta, há liberdade de investimento em linguagem e disseminação apenas por detentores do poder econômico e político que estão autorizados a manipular as tecnologias de difusão.

O termo liberdade trabalha politicamente de diversas maneiras, o liberalismo capitalista age sobre a individualidade do olho espectador, pois atua na sua representação e também sobre o seu corpo, através dos sentidos, do ritmo de vida e do que consome. Da forma de dominação do corpo ao exercício da liberdade: um paradoxo capitalista, porque há uma negociação da

---

<sup>51</sup> Os anarquistas concordam que não se deve delegar a solução de problemas a terceiros, mas antes, atuar diretamente contra o problema em questão: “a luta não se delega aos heróis”. Sendo assim, rejeitam meios indiretos de resolução de problemas sociais, como a mediação por políticos e/ou pelo Estado, em favor de meios mais diretos como o mutirão, a assembléia (ação direta que não envolve conflito), a greve, o boicote, a desobediência civil (ação direta que envolve conflito), e em situações críticas a sabotagem e outros meios destrutivos (ação direta violenta).

<sup>52</sup> *In*: The Encyclopaedia Britannica (1910). The conception of society just sketched, and the tendency which is its dynamic expression, have always existed in mankind, in opposition to the governing hierarchic conception and tendency - now the one and now the other taking the upper hand at different periods of history. [tradução minha]

liberdade, desde o consumo, a libertação, o êxtase ou a liberdade de ação direta. Num corpo social cada vez mais individualizante, a sociedade contemporânea se satisfaz com máquinas de representação, receptoras de um fluxo constante de mensagens emitidas pelos grandes transmissores autorizados.

Dentro de um contexto midiático sufocante no delírio sedutor, persuasivo das grandes emissoras, surge um questionamento dessa liberdade liberalizada; uma descrença da sua capacidade de expressão, uma falha no jogo de “tautismos” anunciado por Sfez (1994) porque não mais há sensação de se estar sendo representado e expressado pela via receptora da informação. Ocorre uma negação expressa da ocupação do espectro pelas forças dominantes de um sistema político centralizador; quer-se ocupar enquanto individualidade e coletividade ativa, formular livremente enunciados midiáticos, emitir no espectro sinais de vida e linguagem, para muito além do vendável, libertar-se enquanto enunciador midiático.

## Capítulo 6

### Corpos tecnológicos

*Não há ato de fala sem o corpo e, ao mesmo tempo, o corpo limita o papel da intenção no ato de fala<sup>53</sup>. (BUTLER, 1984)*

*Daí que pensar tanto a máquina quanto o acontecimento performativo continua sendo uma monstruosidade impossível. Mas, justamente por isso, a única possível. DERRIDA, Papel-(Máquina 2004)*

---

<sup>53</sup> There is no speech act without the body, and at the same time the body limits the role of intention in the speech act. [tradução minha]

Tal substantivo é paradoxal, o corpo orgânico que possui desejo e emoção contradiz-se com a máquina logicamente programada e o uso racional da técnica. Da dicotomia clássica entre corpo e alma, sabe-se que a razão está para o segundo, ela comporta os processos lógicos e a neutralidade dos objetos técnicos. A tecnologia é o uso pensado dos objetos técnicos, ou seja, o estabelecimento de uma relação funcional e utilitarista entre instrumentos. Ao corpo, portanto, não caberia um comportamento maquinal, de função meramente orgânica, um invólucro do ser, sobretudo, pensante. O ser pensante clássico está para além do corpo, assim como a sua linguagem.

Reverendo a importância do corpo no esquema enunciativo, a partir da ideia de uma intencionalidade performativa, Judith Butler<sup>54</sup> chama a atenção para o papel da materialidade corporal (o sexo) na enunciação e a sua própria limitação enquanto efeito de um poder discursivo (o gênero). Há que acrescentar as limitações que os corpos impõem no caso de uma possível realização sexual ou mesmo possibilidades de expressão ou autonomia, no caso da mulher. Trata-se de uma relação intrínseca entre o corpo orgânico e o discurso - o texto que é performativo, porque age, trabalha sobre o corpo. Tal corpo sofre injunções pela linguagem, e materialidade na qual se inscreve o simbólico: corpo orgânico, humano, individualizado que se torna simbólico através da linguagem. Essa individualização é política e, portanto, uma formação identitária, pois o corre a materialização de um ideal regulatório - idealidade produzida pela linguagem.

Trata-se, portanto, de uma performance enunciativa que é prática criativa pela qual o discurso produz efeitos de nomeação, nomes que, reiterados, vão conduzindo identificações de um sujeito-abjeto que precisa garantir a sua legitimidade simbólica, mas que também, pela repetição, rearticula sentidos resgatando ou excluindo caracteres, atuando como um

---

<sup>54</sup> 1993

sujeito-projétil<sup>55</sup>.

Ao enfatizar o caráter performativo da linguagem estamos colocando em questão as intencionalidades, uma agência subjetiva que se sobrepõe ao sistema de significações como imperativo político, um resgate da expressividade sobre a representação. A expressão é dada aos sentimentos, desejos, enquanto que a representação é dada às formulações racionais. Veja que, na performatividade, há uma disposição de desejo, crença e condições intersubjetivas, um resgate à localidade das ações para além de um esquema mais abstrato, estrutural ou sistêmico dos padrões de comportamento, significados, etc. Em suma, há o aprofundamento de elementos humanos, orgânicos na linguagem. Há uma materialização da linguagem enquanto ato, enquanto transformação condicionante e condicionada politicamente.

Assim que, quando pensamos na possibilidade de uma tecnologia intencional estamos atribuindo um status humano à máquina, que é uma alternativa a qualquer abordagem externalizante ou alienante da máquina. A sua frieza deixa de existir na medida em que a máquina está integrada ao corpo orgânico, aos processos da natureza e aos desejos. O controle da racionalidade sobre a natureza pela técnica é, enfim, consequência de um empreendimento humano que está sujeito à potencialização do indivíduo enquanto agente.

O bom senso prova então que, entre máquina e homem, existe uma aliança momentânea, aliança que as condições de utilização para o bem-estar podem consolidar, do mesmo modo como podem vir a ser denunciadas. Seja como for, segundo esse bom senso é o homem, sua obra, sua vida, sua fala que têm a

---

<sup>55</sup> Derrida (1998) “O subjétil resiste. Tem de resistir. Ora resiste demais, ora não resiste o bastante. Tem de resistir para ser finalmente tratado como ele mesmo e não como suporte ou subposto de outra coisa, a superfície ou o substrato submisso de uma representação (...) / Nem objeto nem sujeito, nem tela nem projétil, o subjétil pode tornar-se tudo isso, estabilizar-se sob essa ou aquela forma ou mover-se sob qualquer outra. p-45”

última palavra.(SFEZ, 1994 p.316)

Um teórico que pensou a técnica de modo mais humano, politizando-a, foi Gilbert Simondon (1958), que considerou que os objetos técnicos são constituídos por informações externas que fornecem o sentido de seu funcionamento, eles são a materialização do pensamento humano e não um invólucro fechado de engrenagens. A máquina é, portanto, um sistema aberto que dialoga com a própria utilidade que lhe é conferida, sendo que a automação representa muito mais questões econômicas que qualquer significação técnica. O autor trabalha com o conceito de individuação dos objetos técnicos, o que os aproxima de um conceito biológico de individuação, havendo uma sinergia complexa entre seus elementos, pois não são elementos destacáveis, mas resultados de desenvolvimentos e processos contínuos de evolução, por isso o objeto técnico não é meramente artificial e desarticulado da sociedade. Para Simondon não há fundamento em se estabelecer uma oposição entre cultura e técnica, homem e máquina; ocorre um desequilíbrio, portanto, ao delegar função meramente utilitária a determinados objetos técnicos, o que resulta na tecnocracia<sup>56</sup>, a máquina se torna suprema e instrumento de poder. O autor alerta para a necessidade de se reintroduzir na cultura a consciência da natureza das máquinas, de suas relações mútuas e de suas relações com o homem, além dos valores implicados nessas relações.

O objeto técnico concreto resulta em um corpo plenamente ajustado, cada vez mais miniaturizado e reticular, guardando várias semelhanças para com os seres vivos. Ele não precisa mais de um suporte exterior que possibilite seu rendimento. Ao contrário,

---

<sup>56</sup> “Tecnicismo imoderado que idolatra a máquina, atraindo tecnocraticamente a um poder incondicional” (SFEZ, 1994 p.23)

ele pode existir tanto isoladamente quanto em associação com outros objetos, pois sua constituição integrada e sinérgica o faz prescindir de um suporte exterior. (ANDRADE, 2001)

Enfim, para pensar a Televisão enquanto agente político, precisamos perceber as possíveis articulações entre a técnica e o uso humano, as condições políticas, intencionalidades dos grupos que formam e organizam as emissoras. Há, portanto, uma dependência real entre a transmissão e as intenções pessoais ou coletivas. Veja, por exemplo, os grandes meios de comunicação, as Grandes TV's, elas organizam-se tecnicamente de modo abrangente, a grande quantidade de retransmissoras, o grande investimento na produção das imagens que resultam em produções caras para criar um universo imagético que é, sobretudo, dependente das tecnologias utilizadas. As permissões legais em replicar as mensagens, em emitir com alta potência, a articulação entre replicadoras e sua simultaneidade de transmissão, as técnicas de iluminação, maquiagem, cenografia, as próprias técnicas textuais, tudo isso está articulado em função de estabelecer um poder enunciativo sobre os espectadores, um poder que é de abrangência e sedução e que é consequência de uma articulação entre a técnica e o ser-humano (uma individuação da técnica). Para o espectador, a Globo surge tal qual mágica em sua intimidade: a beleza das imagens, a precisão temporal, as transições perfeitas, a facilidade em sintonizar seja em qualquer parte do Brasil, dão a impressão de um fenômeno tecnológico que emana, alheio a qualquer controle humano e que, por isso, é acatado, receptado como uma mensagem divina.

Uma experiência nos bastidores de uma TV ou uma performance televisiva livre (no sentido dos meios livres que tem sido abordado nesse estudo) nos faz perceber os modos diversos de articulação entre a técnica e a

política ou as suas intencionalidades. A TV Piolho revela outro modo possível de uso dessas técnicas, o que desmistifica o produto televisivo enquanto impulso elétrico significativo emanado e transcendental. Trata-se de um ato midiático baseado em outras intenções e outra articulação tecnológica. Esse corpo-tecnológico está integrado de modo muito mais improvisado e menos dominador, trata-se de uma emissão localizada e pouco planejada, na qual a utilização dos equipamentos parte de uma necessidade expressiva descentralizadora, fragmentária. É por isso que podemos dizer que a TV Piolho constitui outra corporeidade tecnológica ou midiática, que é uma corporeidade que envolve desde os equipamentos até mesmo quem produz essa TV e o público espectador. Este não é, por sua vez, o sustentáculo de um poder dominador, objetivo da massificação da mensagem, mas um sujeito que se aproxima da TV na medida em que possui acesso livre aos estúdios e possibilidade de resposta e mesmo de proposição - o receptor da mensagem é também um agente enunciativo dessa performance televisiva e integra essa corporeidade de uma forma não unilateral.

Vale citar o trabalho de Williams (2003), que desenvolve uma reflexão importante acerca da televisão, enfatizando seu caráter tecnológico, sobretudo técnico-social, considerando que a tecnologia não é mera consequência, mas central nos processos sociais e somente adquire importância efetiva a partir do seu uso. A transformação da produção industrial e suas formas sociais consequentes deram-se a partir de uma longa história de acumulação de capital e trabalho técnico que criou novas necessidades e, também, novas possibilidades tais como os sistemas contemporâneos de comunicação, inclusive a televisão.

Os procedimentos mais elementares da produção midiática (...) são intervenções no material disponível. Não existem escrita, filmagem e exibição não

manipuladas. Dessa forma, a questão não é se as mídias são manipuladas ou não, mas quem as manipula. (WILLIAMS, 2003 p.35)

## Capítulo 7

### **Micropolíticas, transmissão viral: enunciados midiáticos enquanto contaminação**

Félix Guattari (1996) escreve textos políticos e formula um novo lugar para se falar de liberdade, significado e corpo. O desejo é uma categoria importante para falar dessas questões pressupondo, nas relações de poder, um controle, uma economia dos desejos. A subjugação semiótica dos indivíduos afetaria diretamente o corpo.

Há um microfascismo do corpo único individual, do organismo próprio, uma espécie de bulimia que conduz à anorexia, uma bulimia perceptual que impede ver o valor das coisas, a não ser o valor de troca, o valor de uso, para o gasto dos valores desejantes.<sup>57</sup> (GUATTARI, 1996 p.11)

O valor, a economia dos desejos nos conduz a um sentimento/vivência/política de liberdade e felicidade. A realização destes desejos parte de uma semiotização do próprio corpo.

O que eu chamo de semiotização e o que ocorre com a percepção, com o movimento no espaço, com o cantar, o dançar, a mímica, o carinho, o contato, tudo

---

<sup>57</sup> *There is a microfacism of one's own body, of one's organs, the kind of bulimia that leads to anorexia, a perceptual bulimia that blinds one to the value of things, except for their exchange value, their use value, to the expense of the values of desire [tradução minha]*

o que envolve o corpo<sup>58</sup>. *Ibidem*, p.11

Esta é a base para um pensamento em micropolítica ou molecular, ou seja, pensar a ação política enquanto reconhecimento dos poderes de subjugação semiótica que coíbem ou alimentam os desejos. Qualquer mudança proposta de revolução estaria relacionada à libertação dos desejos através da produção de novos agenciamentos de enunciação.

O desejo de uma libertação fundamental, se for para uma verdadeira ação revolucionária, requer que nos movamos para além dos limites da nossa pessoa, que nós subvertamos o movimento “individual”, que nós transcendamos nossos seres sedentários, as nossas identidades sociais normais a favor de viajar pelo território sem fronteiras do corpo.<sup>59</sup> *Ibidem*, p.32

Isso tem a ver tanto com o corpo individual, quanto com um corpo coletivo e mesmo um corpo tecnológico. Não deixa de ser o Capital uma operação semiótica que o permite assumir múltiplas formas, desde as formas territorializantes como os Estados Nacionais, até relações localizadas e individuais de quantificação de poder. Múltiplas significações do Capital são desenvolvidas, como valores, preços, posses, linguagem publicitária, créditos, consumo estético, etc. O resultado é o controle real “*dos tempos maquínicos (...) subjeção dos órgãos humanos por arranjos produtivos (...)*”<sup>60</sup>.

O que, atualmente, conduz a um modo de subjugação que

---

<sup>58</sup>. What I call semiotization is what happens with perception, with movement in space, with singing, dancing, mimicry, caressing, contact, everything that concerns the body [tradução minha]

<sup>59</sup> The desire for a fundamental liberation, if it is to be truly revolutionary action, requires that we move beyond the limits of our “person” that we overturn the motion of the “individual”, that we transcend our sedentary selves, our “normal social identities” in order to travel the boundary-less territory of the body [tradução minha]

<sup>60</sup>. Of machinic times (...) subjection of human organs to productive arrangements (...) *Ibidem*, p.207 [tradução minha]

ultrapassa a monetarização do tempo de trabalho e atinge fundamentalmente o indivíduo enquanto identidade. “*todo um aparato técnico-científico, macro e micro-social e procedimentos de mídia de massa para a sujeição*”<sup>61</sup>. Trata-se de um capitalismo segmentário que globaliza ao mesmo tempo em que miniaturiza a subjugação do desejo. São relações moleculares de poder: micropolíticas. Se a dominação acontece por um processo de regulação do indivíduo pelas mídias, pedagogias e tecnologias pode-se dizer que qualquer prática significativa provinda do indivíduo tem, por sua vez, a potencialidade de desregulação semiótica; ou seja, a partir do aparecimento de outras individualidades, redes ou coletividades (ou tecnologias) desejantes haverá a liberação de signos e desejos contidos, subjugados. Nessa micropolítica ocorre uma negociação do indivíduo com as fronteiras que o constituem, tal negociação pode conduzir à a libertação e dissolução desta identidade, a pessoa ou grupo de pessoas dando vazão aos seus desejos, por mais subversivos que sejam.

Guattari escreve um manifesto visceral, em 1973, *In Order to End the Massacre of the Body*. Muito mais que uma descrição, é um texto caracterizado pela sua própria pulsão performativa, é um texto que instiga libertação. A libertação dos desejos subjugados pela “família, escola, fábricas, exércitos, códigos, discurso”. Contra a ditadura da propriedade, exploração, poder do macho, lucro e produtividade que estaria

(...) afogando nossos corpos para inscrever as suas leis em nossa carne (...) Ela usurpa os nossos órgãos, rompe as nossas funções vitais, subjuga todas as nossas experiências de vida ao controle de seus julgamentos condenatórios<sup>62</sup>. *Ibidem*, p.29

---

<sup>61</sup> *one a whole set of technical-scientific, macro- and micro-social and mass media procedures of subjection (...).*[tradução minha]

<sup>62</sup> (...) diving up our bodies in order to inscribe its laws on our flesh (...) It usurps our

Um mundo cujo regime produz a culpa e a neurose seria, portanto, um mundo antiquado e horrível que carregamos em nosso corpo, território onde as opressões estão mais profundamente enraizadas. Esse corpo seria também o solo para a superação deste mundo inadequado, o solo de libertação.

Nós queremos abrir os nossos corpos para os corpos das outras pessoas, para os outros em geral. Queremos deixar as vibrações passarem entre nós, a energia circular, permitindo aos desejos emergirem, para que possamos permitir o livre reinado para nossas fantasias, para os nossos êxtases, e então possamos viver sem culpa e praticar sem culpa todos os prazeres (...) Todo este prazer do qual desesperadamente precisamos se não experimentarmos uma realidade diária que mais parece uma agonia lenta que o capitalismo e a civilização burocrática impõem como modo de existência dos sujeitos (...) Nós começamos com o corpo, o corpo revolucionário, um lugar onde energias “subversivas” são produzidas - um lugar onde de fato todos os tipos de crueldades e opressões foram perpetuados. **Conectando a prática “política” à realidade deste corpo e do seu funcionamento, trabalhando coletivamente para encontrar modos de liberar este corpo, já começamos a criar novas realidades sociais**<sup>63</sup> [grifo meu] *Ibidem*, p. 35-35

---

organs, disrupts our vital functions, subjugates all lived experience to the control of its condemning judgments [tradução minha]

<sup>63</sup> We want to open our bodies to the bodies of other people, to other people in general. We want to let vibrations pass among us, let energies circulate, allow desires to merge, so that we can all give free reign to our fantasies, to our ecstasies, so that at last we can live without guilt, so that we can practice without guilt all pleasures (...) All of this pleasure we desperately need if we are not to experience our daily reality as a kind of slow agony which capitalist, bureaucratic civilization imposes as a mode of existence on its subjects.(...) We have begun with the body, the revolutionary body, as a place where “subversive” energies are produced - and a place where in truth all kinds of cruelties and oppressions have been perpetuated. **By connecting “political” practice to the reality of this body and its functioning, by working collectively to find means to liberate this body we already begun to create a new social reality** (...) [tradução minha]

Desde o que tenho considerado até agora na presente dissertação (o corpo, políticas, linguagem e tecnologia), acredito que o pensamento de uma micropolítica contribua significativamente para conectar tais questões, pensando numa linguagem política e localizada que atinge o indivíduo enquanto subjugado ou em exercício das liberdades desejanter e enunciativas.

## Considerações Finais

Os estudos da linguagem encontram um terreno fértil se partirem de considerações pragmáticas acerca da enunciação, desde a esfera política às implicações materiais, de suporte e corpos tecnológicos; o que instiga o aprofundamento do estudo acerca da mídias enquanto fato lingüístico importante. Atentar para a escritura em sua dimensão política e material dá uma consistência ao objeto semântico, o que nos aprofunda no conhecimento de uma realidade social a partir dos enunciados.

A Televisão não pode ser desconsiderada enquanto importante prática de linguagem na sociedade atual, sendo que seu poder não deixa de crescer com o avanço da TV Digital e da sofisticação tecnológica. Resgatar exemplos de desconstrução midiática nos permite enxergar o suporte midiático em si enquanto múltiplo e ligado às intencionalidades, às macro e micropolíticas do desejo e da representação.

Assumir uma postura menos idealista quanto aos meios, formulando uma crítica aos conceitos tradicionais de comunicação, canal comunicativo, informação, etc., também resulta numa postura menos ingênua e mais atenta às dimensões materiais e pragmáticas da linguagem na sociedade eletrônica.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, J. **Estudos Deleuzeanos da Linguagem**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- ANDERSON, B. **Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. NY+London: Verso, 1994, ch. 1 a 5.
- ANDRADE, T. **Intersecções entre o ambiente e a realidade técnica: contribuições do pensamento de G. Simondon**. Ambiente e Sociedade (Campinas: Junho 2001).
- AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- AUSTIN, J. L. **Philosophical Papers**. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- BENJAMIN, Walter. **O autor como produtor in: Obras escolhidas – Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996
- BHABHA, H. K. [org.] **Nation and Narration**. NY+London: Routledge, 2000.
- BOLAÑO, César *et al.* **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005
- BOLAÑO, César. **Mercado Brasileiro de Televisão**. Aracaju: UFA Programa Editorial, 1988
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- BUCCI, E. **Brasil em Tempo de TV**. São Paulo: Bontempo Editorial, 1996.
- BUTLER, J. in: Shoshana FELMAN. **The Literary Speech Act**. Ithaca

- NY+London: Cornell University Press, 1984, ch. Afterwords.
- BUTLER, J. **Bodies That Matter. On the Discursive Limits of "sex"**. NY+London: Routledge, 1993.
- BUTLER, J. **Precarious life: The Powers of Mourning and Violence**. NY+London:Verso, 2006.
- CICOUREL, A. V. **On John R. Searle's intentionality**. Journal of Pragmatics (1987), 641–660.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989
- COSTA, S. *et al.* **Dossiê das concessões de tv**. Observatório da Imprensa, 2008.
- DELEUZE, G. & GUATTARI F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol.1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, J. **Enlouquecer o subjétil**. São Paulo: Ateliê Editorial Unesp, 1998.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- DERRIDA, J. **Papel-Máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DOUGLAS, L. **The force of words: Fish, Matsuda, MacKinnon and the theory of discursive violence**. Law and Society Review (1995).
- DUARTE, E. **Querem calar a voz do povo: um histórico da violência contra as rádios comunitárias no Brasil 2001-2004**. Brasília: Câmara dos Deputados, Departamento de Apoio Parlamentar, 2005.
- ENZENSBERGER, H. M. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003
- FISH, S. **There's No Such Thing As Free Speech: And It's a Good Thing, too**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

- GUATTARI, F. **Soft Subversions**. New York: Semiotext(e), 1996.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. **Dicionário de Etimologias da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1979
- MACHADO, A. *et al.* **Rádios Livres. A Reforma Agrária no Ar**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- MACHADO, A. **A Televisão Levada a Sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- MAGNE, L. **Passport to World Band Radio**. [ed.] International Broadcasting Services, Ltd., 2008.
- MELO, J. M. *et al.* **Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.
- McQUAIL, Denis. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulberkian, 2003
- NOVAES, A. *et al.* **Rede Imaginária, Televisão e Democracia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- NUNES, M. A. M. **Rádios livres. o outro lado da voz do Brasil**. Tese de Mestrado, USP, 1995.
- PIGNATARI, D. **Informação, Linguagem, Comunicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- Presidente da República Federativa do Brasil. **Código brasileiro de telecomunicações**. Lei n. 4.117, 1962.
- RAJAGOPALAN, K. **Dos dizeres diversos em torno do fazer**. D.E.L.T.A. 6, 2 (1990), 223–254.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica, Linguagem, Identidade e a Questão Ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RAJAGOPALAN, K. *et al.* **A Lingüística que nos Faz Falhar: Investigação Crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

- REPOLÊS, M. F. S. **Habermas e a Desobediência Civil**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2003.
- SCHRAMM, W. **Mass Media and National Development. The Role of Information in the Developing Countries**. Stanford: Stanford University Press, 1964.
- SFEZ, L. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- SIMIS, Anita [org] **Cinema e televisão durante a ditadura militar: depoimentos e reflexões**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2005
- SODRÉ, M. *et al.* **O Monopólio da Fala: Função e Linguagem da Televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- SPTV. **Antena da Globo na paulista ganha nova iluminação**. Globo OnLine, 14/12/2007.
- THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005
- THOREAU, H. D. **A Desobediência Civil e outros escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- VASCONCELLOS, G. F. **O Cabaré das Crianças**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.
- VELASCO, L. M. **La Democracia Amenazada. Democracia, Capitalismo y Desobediencia Civil**. Madrid: Fundamentos, 1995.
- WILLIAMS, Raymond. **Television**. London+NY: Routedge, 2003
- YEAGER, D. **J.L.Austin and the Law. Exculpation and the Explication of Responsibility**. Lewisburg Bucknell University Press, 2006.

## ANEXOS

### FANTÁSTICO - REDE GLOBO, 11/05/2008

00:00:00	Corte direto da propaganda para os apresentadores	Fala alternada entre âncora feminino e masculino + música de	Boa Noite, você vai ver hoje no Fantástico com exclusividade, uma entrevista com Ana Carolina de Oliveira, a mãe da meni-
----------	---	--	---

		fundo	na Isabella, morta em São Paulo na noite de 29 de março aos 5 anos de idade. É a primeira entrevista da mãe de Isabella para a televisão.
00:21:00	Imagem da Entrevista com Ana Carolina de Oliveira	Voz Narrador + música de fundo	Ana Carolina de Oliveira me deu uma entrevista surpreendente e reveladora. Ela descreveu como era a sua relação com o pai de Isabella, Alexandre Nardoni, e com a mulher dele Ana Carolina Jatobá. Comentou a entrevista que ambos deram ao Fantástico em 20 de abril. Será que Ana Carolina de Oliveira acreditou na sinceridade do casal? A mãe de Isabella também narrou com todos os detalhes o momento em que encontrou a filha caída no jardim do edifício London pouco depois da menina ter sido jogada do sexto andar. Ela conta quais foram as últimas palavras que disse para a filha e revela as suas suspeitas. Será que ela acredita que o pai e a madrasta estão envolvidos no crime? Ela relata também como foi o dia em que Alexandre Nardoni a ameaçou de morte. Diz que Ana Carolina Jatobá sentia ciúmes dela e descreve como foi o encontro que as duas tiveram no cemitério no dia do enterro de Isabella, E ainda, Ana Carolina de Oliveira manifesta o que pensa sobre a prisão do casal
	Imagem dos citados		
	Imagem do prédio onde ocorreu o crime		
	Entrevistada chorando		
	Casal sendo preso		
01:18:00			

	Casal sendo preso		nessa quarta-feira. Revela qual é o papel que pretende desempenhar como testemunha de acusação no caso do assassinato da própria filha. Diz o que lhe passa pelo coração no primeiro dia das mães sem Isabella.
01:38:00	Estúdio - âncoras	Vozes alternada entre apresentadores + música de fundo	A entrevista com Ana Carolina de Oliveira a mãe de Isabella Nardoni está em destaque no Fantástico desse domingo 11 de maio. E hoje é um dia muito especial. Aliás parabéns Patrícia é dia das mães. Obrigada Zeca. Parabéns pra todas as mães também que estão assistindo o Fantástico. E pra esse dia Fernanda Lima, Vanessa Lói, Dira Paes, Carolina Dieckman, Vanessa Giácomo e Daniele Winitz. Todas elas vão contar aqui o segredo da maternidade.
	Olhares alternam, olham-se entre si e para a câmera. Sorriem		
	A cada nome anunciado aparece a imagem da pessoa por alguns segundos.		
02:04:00	Apresentadora Fernanda Lima falando diretamente para a câmera	Fernanda Lima + música de fundo	Desde pequena fui muito serelepe. Quando virei adolescente quis trabalhar logo cedo e descobri uma das minhas grandes paixões, viajar. Agora, aos 30 anos a minha grande viagem é ser mãe do João e do Francisco. Nunca tive tão feliz na vida.
02:19:00	Estúdio-âncoras	Vozes alternadas entre	Qual é o papel da mãe na família? E o do

	apresentadores + música de fundo	pai? Fernanda Torres e Evandro Mesquita brincam com esse assunto em "Sexo Oposto"
cena da esquete		
Estúdio-âncoras		Lolô e Tavinho vivem as maiores trapalhadas pra comemorar a data. Confusão que
cena da esquete		você aí de casa vai decidir no final.
02:36:00 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo	Mas agora preste atenção. Vai começar uma história dramática, emocionante.
Simulação da situação real	trecho de áudio original de uma ligação de emergência ao corpo de bombeiros durante a qual está nascendo um bebê. (voz desesperada pedindo socorro)	
Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo	Nasceu, é menino e vai se chamar David. O pequeno David que deixou a tia Marga rida sem saber o que fazer é o personagem principal dessa história emocionante que a repórter Carla Modena vai contar agora.
(((SEGUE REPORTAGEM)))		
08:04:00 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo	O Fantástico já começou e trata ainda de um exemplo de superação. Esta nadadora que só tem a metade de uma perna con-
Imagem da nadadora		

Imagem de crianças escrevendo.

seguiu se classificar para as Olimpíadas de Pequim.  
Um desafio para os pais. Como ajudar os filhos no dever de casa sem fazer a lição por eles.

08:23:00 Estúdio - âncoras  
imagem do quadro de magia  
imagem do encontro

Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo

Um show de Ilusão. Esta mulher está sendo algemada dentro de um ônibus prestes a explodir. Será que ela escapa, Patrícia?  
Isso é o que a gente vai descobrir já já Zeca.  
Tem também as emoções do Rei. Uma surpresa aguarda Roberto Carlos na casa do bi-campeão mundial em São Paulo.

((SEGUE REPORTAGEM))

14:36:00 Estúdio - âncoras

Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo

O repórter que mais conhece o Brasil apresenta hoje uma oficina que é uma loucura. Maurício Krubusly está no Espírito Santo a procura de um tal Pepino

((SEGUE REPORTAGEM))

18:37:00 Estúdio - âncoras

Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo

As emoções do Brasileirão de Futebol estão de volta e Felipe Massa vence mais uma corrida na Fórmula 1. Boa notícia hein Fabiano!?

((SEGUE NOTÍCIAS ESPORTIVAS))

24 : 29 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo	Depois dos comerciais. O que as testemunhas disseram à polícia sobre o comportamento do pai e da madrasta de Isabella Nardoni. E mais. Uma mulher é algemada dentro do ônibus que vai explodir. Como é que ela vai escapar dessa? Daqui a pouco aqui no Fantástico.
imagem do quadro de magia		

(( INTERVALO  
COMERCIAL  
24:51 A 28:51 ))

texto introdutório: A vida de Vanessa Giácomo, mãe de Raul, 3 meses Atriz falando diretamente para a câmera	Voz da atriz + música	Meu nome é Vanessa, nasci no dia 29 de março em Volta Redonda. Sou filha do Paulo e da Ivonete. Minha primeira novela foi A Cabocla onde conheci o Daniel, meu marido. E com ele eu tive um filho lindo, o Raul. Que hoje é a razão da minha vida. Sou uma mulher muito completa.
--	-----------------------	--

29 : 18 Entrada: Fantástico Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música de fundo	A defesa de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá aguarda nos próximos dias uma resposta da justiça ao pedido de Habeas Corpus para o casal. Em São Paulo Ana Carolina de Oliveira, mãe de Isabella, recebeu uma homenagem.
--	---	---

(( SEGUE  
REPORTAGEM  
))

31 : 00 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre	A partir do depoimento de testemunhas o
---------------------------	------------------------	---

apresentadores + mú- ca	Fantástico traça um perfil do pai de Isabella Nardoni, Alexandre, e da Madrasta dela Ana Carolina Jatobá. Você vai saber com detalhes como eram as brigas entre eles, discussões que começavam geralmente por causa de ciúmes e que chamavam a atenção de toda a vizinhança.
-------------------------------	--

(( SEGUE  
REPORTAGEM )  
) OBS: os  
comentários  
acerca da vida  
do casal são  
colocados sem  
qualquer fonte  
declarada,  
baseado apenas  
em rumores, sem  
qualquer detalhe,  
como é  
anunciado na  
chamada da  
matéria,

Trecho da entrevista  
com Ana Carolina de  
35 : 22 Oliveira, no qual  
aparece apenas a  
pergunta e não  
a resposta.  
Imagens da  
entrevistada

Voz Narrador	A resposta de Ana Carolina de Oliveira ainda hoje numa entrevista exclusiva ao Fantástico.
--------------	--

35 :38 Estúdio - âncoras

Vozes alternadas entre apresentadores + mú- ca	Imagine só a cena: você vai na rodoviária buscar sua sogra que veio passar o dia das mães. Já no caminho de casa você pára. Sai do carro um instante e quando volta... Coitada dessa sogra. Coitada mesmo. Bem essa é uma das mui-
--	--

tas trapalhadas do "Conto ou não conto" de hoje. Agora preste atenção porque é você aí de casa quem vai decidir o final dessa história.

(( PRIMEIRA PARTE DO EPISÓDIO "CONTO OU NÃO CONTO"))

39 : 52 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	Quer dizer que a sogra desapareceu. Você contaria pra sua mulher?
---------------------------	--	---

(( COMENTÁRIOS DE PESSOAS NAS RUAS ))

40 :07 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	Escapar algemado de um ônibus em chamas com 800 litros de combustível prestes à explodir. Esse é o desafio de hoje no Grande Prêmio Mundial da Mágica.
--------------------------	--	--

(( SEGUE QUADRO ))

42 : 29 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	Crianças, tapem os ouvidos porque eu vou dizer um nome feio hein. Ai ai ai Dever de casa! Levante a mão aí quem nunca sofreu pra fazer as tarefas escolares, E, nessas horas, qual é o papel dos pais? Será que eles devem ajudar? E mais do que isso, como ajudar?
---------------------------	--	---

(( SEGUE REPORTAGEM,

COM TOM  
EDUCATIVO,  
ENSINANDO O  
PÚBLICO A  
LIDAR COM  
SEUS FILHOS )

46 : 27 Estúdio - âncoras

Vozes  
alternadas entre  
apresentadores  
+ mú-  
ca

Ainda hoje a primeira entrevista para a televisão de Ana Carolina de Oliveira. A mãe da menina Isabella. Depois do inter-especialistas prevém que em cinco anos o trânsito de São Paulo vai parar de vez.  
O Fantástico volta já.

(( INTERVALO  
COMERCIAL,  
DE 46:43 a 50:14  
))

texto introdutório: A vida de Carolina Dieckman, mãe de José, 8 meses e Davi, 3 anos

Atriz falando para a câmera

Voz da Atriz +  
música  
de fundo

Sou carioca, tenho 3 irmãos, cresci rodeada de homens e continuo no meio deles.  
Eu sempre quis ser mãe. Tenho um filho de 9 anos que se chama David e um de 8 meses que se chama José. Os amores da minha vida.

Entrada: Fantástico

50 :36 Estúdio - âncoras

Vozes  
alternadas entre  
apresentadores  
+ mú-  
ca

Oito tornados com ventos de mais de 200 quilômetros por hora espalharam destruição na região central dos Estados Unidos.

21 pessoas morreram.

(( SEQUE  
REPORTAGEM,  
COM IMAGENS  
CHOCANTES ))

51 : 59	Texto "Violência" Imagens de carros de polícia	música forte voz narrador	Uma menina que morava da Rua morreu carbonizada esta madrugada no Rio de Janeiro. Flávia de Souza Oliveira, de 15 anos estava com outros cinco menores em um buraco que fica sob um viaduto na Zona Norte da cidade. O grupo foi surpreendido enquanto dormia. Um homem provocou o incêndio e fugiu. Flávia não teve tempo para escapar das chamas. Segundo os amigos, ela estava grávida. Um adolescente também se queimou e foi levado em estado grave para o hospital. Um suspeito foi preso. Os menores disseram à polícia que o jovem queria se vingar por ter sido expulso do grupo. Ele nega as acusações.
	Imagens do local		
	Imagens de homem algemado na delegacia.		
52 : 36	Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	O trânsito nas cidades continua infernal mesmo na sexta-feira o congestionamento em São Paulo bateu um recorde histórico: 266km Zeca. Dá pra acreditar? Se dá! Eu estava lá e fiquei 40 minutos no mesmo quarteirão. Às vezes dá até vontade da gente largar o carro e sair a pé. Não dá?

Por causa disso um especialista diz que daqui 5 anos a cidade vai parar de vez. E não é só São Paulo não. a previsão pras outras cidades brasileiras também é assustadora.

53 : 01 (( SEGUE REPORTAGEM ))

57 : 27	imagens da entrevista com Ana Carolina de Oliveira	Pergunta, sem resposta.  Narrador	Qual era a sua relação com o pai se bella?  A resposta de Ana Carolina de Oliveira ainda hoje numa entrevista exclusiva ao Fantástico.
---------	--	---	--

57 : 38	Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	Vamos voltar à história do "Conto ou não conto?" de hoje? Você lembra, tavinho foi de carro novo buscar a sogra na Rodoviária, no caminho de volta, como ela dormiu, ele deu uma parada com o amigo pra tomar aquela cervejinha. Resultado: levaram o carro dele com a sogra dentro. E aí, o que dizer pra mulher hein?!
---------	-------------------	--	--

(( CONTINUA EPISÓDIO "CONTO OU NÃO CONTO" ))

1 : 02 : 31	Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	E agora, como vai terminar essa história? Você decide. Se você acha que Lola e Tavinho devem contar um pro outro as trapalhadas em que se meteram, porque no
-------------	-------------------	--	--

casamento não há espaço pra nenhuma mentira. Disque 0800 708 8001. Mas se você acha que não, que eles não devem contar porque no casamento sempre um tem o direito de esconder alguma coisinha do outro. Aí o número é 0800 708 8002. Ligue em 3 minutos. É de graça. Você pode votar também pela internet. Daqui a pouquinho o resultado final da história.

1 : 03 : 01 Estúdio - âncoras

Vozes alternadas entre apresentadores + música

Ainda hoje, a primeira entrevista para a televisão de Ana Carolina de Oliveira, a mãe de Isabella. Numa conversa franca e reveladora. Depois dos comerciais: "Sexo Oposto".

cenas de "Sexo Oposto"  
cena

narrador  
áudio da cena

Pai ou Mãe? Qual o mais importante?  
"Criar filho homem não tem o menor segredo né. Você tranca o moleque no quarto com um computador, um videogame e uma televisão e aí minha filha, você esquece!"  
Você vai se divertir com Fernanda Torres e Evandro Mesquita. Daqui a pouquinho aqui no Fantástico.

(( INTERVALO  
COMERCIAL DE  
1:03:41 a 1:08:07  
))

texto introdutório: A

<p>vida de Dira Paes, mãe de Inácio, 19 dias. Atriz olhando para a câmera</p>	<p>Voz da atriz + música</p>	<p>Nasci em Abaetetuba, Pará, num domingo de 8 meses, sem parteira. Sou filha da Do- na Flor e do seu Edir. No cinema encontrei um amor e desse amor nasceu o maior a- mor do mundo que é o Inácio, meu filho a pessoa mais linda. To até pensando em mudar meu nome de Dira Paes pra Dira Mães.</p>
---	----------------------------------	--

Entrada: Fantástico

<p>1: 08 : 31 Estúdio - âncoras</p>	<p>Vozes alternadas entre apresentadores + mú- ca</p>	<p>Tudo bem que hoje é dia das mães. Mas a gente quer saber, quem é mais importan- te dentro de casa: a mãe ou o pai? A res- posta está no humor de Fernanda Torres e Evandro Mesquita.</p>
-------------------------------------	---	---

(( ESQUETE  
HUMORÍSTICA -  
MISTURA  
ENTRE  
DOCUMENTÁRI  
O E PEQUENAS  
NARRATIVAS ))

<p>1 : 18 : 59 Estúdio - âncoras</p>	<p>Vozes alternadas entre apresentadores + mú- ca</p>	<p>Vamos ver agora o final que com 83% dos votos você decidiu para as trapalhadas de Loló e Tavinho no "Conto ou não conto?" de hoje.</p>
--------------------------------------	---	---

(( DESFECHO  
DO EPISÓDIO  
"CONTO OU NO  
CONTO?" ))

1 : 21 : 21 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	Ainda hoje aqui no Fantástico, a primeira rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol. Depois dos comerciais a entrevista reveladora de Ana Carolina de Oliveira.
	imagens da entrevista narrador	A noite do crime, os ciúmes da madrasta. A mãe de Isabella em instantes aqui no Fantástico.

(( INTERVALO  
COMERCIAL DE  
1:21:48 a 1:26:01  
))

Texto introdutório: a vida de Vanessa Lóes, mãe de Gael, 10 meses  
Atriz olhando para a câmera

Voz da atriz + música

Nasci no Rio de Janeiro, sou filha e neta de artistas. Tenho um irmão, vários amigos, viajei à beça, fiz dança, tablado, desenho industrial, quis ser atriz e encontrei o meu amor, a gente casou, ele me deu um filho lindo que é o homem mais precioso que eu tenho na vida. Gael.

Entrada: Fantástico

1 : 26 : 30 Estúdio - âncoras	Vozes alternadas entre apresentadores + música	Começa agora a entrevista com Ana Carolina de Oliveira, a mãe da menina Isabella assassinada aos 5 anos de idade em São Paulo. Esta é a primeira entrevista de Ana Carolina para a televisão. E ela vai fazer revela-
-------------------------------	--	--

ções.

(( ENTREVISTA COM ANA CAROLINA DE OLIVEIRA - perguntas previsíveis, apelativas para causar lágrimas, descrição da cena na qual encontra a filha morta ))

1 : 44 : 20 Estúdio - âncoras

Vozes alternadas entre apresentadores + música  
Daqui a pouco Ana Carolina conta como foi o dia que Alexandre Nardoni a ameaçou de morte e comenta a entrevista que o casal deu aqui no Fantástico. Ela vai falar também sobre o ciúmes da madrasta. O Fantástico volta já com a segunda parte da entrevista de Ana Carolina de Oliveira.

(( INTERVALO COMERCIAL DE 1:44:37 a 1:49:01 ))

Texto introdutório: A vida de Daniele Winnitz, mãe de Noah, 4 meses.

Atriz olhando para câmera

Voz da atriz + música  
Bom, eu estreiei no teatro com 14 anos, na televisão com 16 anos, me vejo esse ano com meu marido chorando e lavando meus olhos pra maior estréia da minha vida. Pra eu enxergar a maior estréia da minha vida. O meu papel de mãe com meu filho Noah.

Entrada: Fantástico

1 : 49 : 31 Estúdio - âncoras

Vozes alternadas entre apresentadores + música  
Voltamos com a entrevista de Ana Carolina de Oliveira, a mãe de Isabella. Ela fala agora sobre a

difícil relação com Alexandre Nardoni, o pai da menina.

(( CONTINUA ENTREVISTA COM ANA CAROLINA DE OLIVEIRA ))

2: 05 : 15 Estúdio - âncoras

Vozes alternadas  
apresentador  
es + mú-  
ca

Na próxima terça-feira o desembargador Caio Cambuci de Almeida deve se manifestar sobre o pedido de habeas corpus para Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá. Se o pedido for aceito, o casal que está preso desde quarta-feira será liberado, caso contrário, os advogados ainda podem recorrer ao Superior Tribunal de Justiça. Depois dos comerciais, os lances que marcaram a abertura do campeonato brasileiro de futebol e a jogada eletrizante do "bola murcha" de hoje. O Fantástico volta já.

2; 05: 35

(( INTERVALO COMERCIAL DE 2:05:45 a 2:10:33 ))

Entrada: Fantástico

(( QUADRO "BOLA CHEIA, BOLA MURCHA", FORMATO DE VÍDEO DA INTERNET ))

02 : 13 : 05 Estúdio - âncoras

Vozes  
alternadas  
entre  
apresentador  
es + mú-  
ca

Isso é que é ganhar de goleada. E começou o Brasileirão. Serão 30 rodadas até dezembro.

(( NOTÍCIAS ESPORTIVAS ))

02 : 21 : 46 Estúdio - âncoras

Vozes  
alternadas  
entre

Não é todo dia que você tem a chance de

apresentador conversar com um  
es + mú- bicampeão mundial de  
ca Fórmula 1. Emerson  
Fittipaldi é o nosso  
convidado de hoje no  
bate-papo na Inter-  
net que começa já já.  
Tema: a reforma do  
calhambeque do Rei  
Roberto e o GP da  
Turquia.

E você, lembra deles?

Trecho do clip "Macho Man"

Village People

Trecho do  
clip "Macho  
Man" Village  
People

Vozes  
alternadas Village People era uma  
entre das atrações do  
apresentador Fantástico há 30 anos  
es + mú- atrás. E está lá no  
ca nosso site inteirinho.  
E tem mais, um  
panorama da nova  
expo-  
sição do artista plástico  
gaúcho Carlos  
Vergar. As obras foram  
inspiradas nas ru-  
ínas de São Miguel das  
Missões no Rio  
Grande do Sul. Vale a  
pena conferir hein.  
A exposição acontece  
no Paço Imperial no  
Rio.

imagem do artista

02 : 22: 38 Estúdio - âncoras

Vozes  
alternadas Por hoje é só. Obrigada  
entre por nos receber aí  
apresentador na sua casa e até  
es + mú- domingo que vem.  
ca Boa noite e boa  
semana.  
Tchau!

TV PIOLHO  
DATA: 23/09/2007

\* Transmissão especial com a participação da Radio Xiado (São Paulo - SP)

TEMPO	IMAGEM	AUDIO	TRANSCRIÇÃO
CP01 00:00:00	Logo da TV Piolho  "tv piolho apresenta"	Som ambiente  MIC.1  MIC.2	MIC.1. Olá transmissão. Tv Piolho. No ar Alô. É melhor deixar... Alô. No ar. Não, mas aí fica atrasado ... yeah MIC.2. Alô 123, testando Tv Piolho, canal de televisão livre. Livre do Poder, Livre do dinheiro, livre da Rede Globo. Desse monte de merda. E. É deu um probleminha aqui nos equipamentos. Daqui a pouco vai rolá. E se você tivé aqui por perto e quiser aparecer aí apareça, falou.
CP01 00:01:09	Terminal do Computador: Slackware inicializando alternado com a tela de MSX (PacMan)	Silêncio	
CP01 00:01:28	Escuro	Silêncio	
CP01 00:02:15	Tela MSX por 1s.		
CP02 00:00:00	Logo da TV Piolho  "tv piolho apresenta"	Silêncio	
CP02 00:00:01	Manifesto da TV Piolho	Silêncio	
CP02 00:00:06	Câmera filmando o estúdio.	MIC.2	MIC.2 T... aí pronto, agora não é só você aí que está assistindo a tv piolho que vai

			poder ver estas estas imagens, mas a a gente agora tá gravando. Se você tiver algum video pra passa aí cola aí. A gente tá tentando entrar em sintonia com os equipamentos. Mas logo mais ja vai rola. E isso aí. Essa é a Tv Piolho uma tv livre.
CP02 00:01:00	Câmera filma as mãos operando os equipamentos e tela da própria transmissão ao fundo. A mão contacta o plug do microfone e a voz começa a sair	MIC.3 Música	MIC.3 Alô Alô estamos testando, ajustando nossos equipamentos. Clandestinos. Transviados. Alguns botões precisam ser apertados. Sintonizando. Dentro de poucos segundos. Ajustando os equipamentos. (entra música) Agora vai, agora vai
CP02 00:02:19	Câmera mostra a mesa de operações do estúdio.		
CP02 00:02:43	IDEM * percebe-se que quem fala tambem filma.	MIC.3	MIC.3 Vocês estão assistindo a TV Piolho e suas texturas. To fazendo uma pan aqui nos estúdios.
CP02 00:03:05	Corte Abrupto	Corte Abrupto	
CP02 00:03:16	Câmera estúdio	MIC.4 microfonia	MIC.4 Certo certo. Então tem que ser aquele cabo antigo. É isso aí, logo logo, estamos quase lá. O calor é escaldante, mas tudo bem. Um pouco de microfonia...
CP02 00:04:25	Escuro	Silêncio	
CP02 00:07:27	Câmera estúdio	Música	MIC.4 Ao vi... Tv

		MIC.4	Piolho... Brasil... Beleza ... Amigos. Tudo muito simples.
CP02 00:08:00	Câmera estúdio	Música	
CP02 00:08:50	Câmera Estúdio	MIC.3	MIC.3 Alo No ar no ar
CP02 00:10:00	Câmera parada mostrando as luzes do mixer de áudio	Música	
CP02 00:10:40	Corta para Tela do Computador	Música	
CP02 00:11:30	Inicia filme. Falha. Pára	Música	
CP02 00:12:07	Inicia filme. Falha. Pára	Música	
CP02 00:12:30	Câmera: mãos manipulando o PC	Música	
CP02 00:13:11	Animação	Som Vídeo + Música	
CP02 00:14:50	Animação	Som Vídeo	
CP02 00:15:50	Vídeo pára sem concluir	Silêncio	
CP02 00:16:20	Câmera: mãos e boneco cenográfico	Silêncio	
CP02 00:16:50	Escuro	Silêncio	
CP02 00:17:45	Animação (Dan Hertzfeld)	Som Vídeo	
CP02 00:27:44	Vídeo pára abruptamente.	Silêncio	
CP02 00:27:50	Tela do computador, mostra os arquivos de vídeo sendo manipulados	MIC.5	MIC.5 Alô TV Piolho. Deu pau. Isso acontece nas melhores tvs livres... bom, vamo ouvir uma palavrinha do nosso presidente.
CP02 00:28:01	Câmera: boneco cenográfico	Silêncio	

CP02 00:29:03	Câmera: foto de olho	Música MIC.5	MIC.5 Alô agora vocês tem uma palavrinha aí do nosso presidente. O que a gente vai assistir agora?
CP02 00:29:40	Vídeo: IV Guerra Mundial - de Calle y Media Colective		
CP02 00:53:0	continua vídeo	MIC.5	MIC.5 Daqui a pouco Tropa de Elite na TV Piolho
CP04 00:00:00	Câmera: boneco e olho cenográfico	MIC.5	MIC.5 É verdade que vai passar o filme Tropa de Elite hoje na TV Piolho? Ouvi dizer que vai passar o filme Tropa de Elite hoje na Tv Piolho atravessando o fantástico é verdade?
CP04 00:01:00	Mesma Câmera	MIC.3	MIC.3 Alô Alô Pessoal agora. Bom, sigam sintonizados, é... agora alguns vídeos do pessoal lá de São Paulo e ah?
CP04 00:01:40	Câmera: boneco cenografico	DUBLAGEM	DUBLAGEM: Alô Alô olá pessoal. Boa Noite. Boa Noite a todos.
CP04 00:01:56	Câmera: Cd's sobre a mesa	MIC.3	MIC.3 Nosso arsenal.
CP04 00:02:05	Câmera: mãos operando o computador.	MIC.3 MIC.6	MIC.3 Como é que é F. ? O que vai rolar agora? MIC.6 Perai vou por um sonzinho só pra não ficar sem nada. Depois vai vim aqui um curta-metragem aí. Só só um momentinho.



	estúdio e tela da transmissão	MIC.7	TV Piolho TV na TV canal 20 UHF, Tv Livre e aí vai hoje vai passar aí um filmão muito polêmico Que as pessoas tem falado aí muitas coisas sobre o filme Você que assistiu ontem aí faça o comentário MIC.7 É eu assisti ontem. A gente assistiu. Muito bom, realmente muito bom. Muito violento. Pra quem gosta da polícia Como funciona a polícia no Rio. O BOP Batalhão de Operações Especiais da Polícia Federal
CP04 00:05:21	Câmera: mão cenográfica  Câmera: tela da transmissão, o que gera um efeito especular.	Corte breve MIC.7 Corte	MIC.7 Essa aí é a mão do Presidente do Mercado
CP04 00:06:00	Mesma câmera	MIC.6  MIC.5  MIC.1  MIC.3	MIC.6 Oi não se enganem com o filme Tropa de Elite. Uma visão moralista. Observem no final qual é a moral da história. Assistem e façam a sua própria opinião. Não vão na opinião da Globo. Nada de assistir Fantástico e ir no que eles falam. MIC.5 Eu aposto que o Fantástico vai falar pouco MIC.1 Ah eles vão falar do ator lá da Paraíso Tropical MIC.3 É o grande ator

			de Paraíso Tropical estreitando também nos Cinemas para comprovar que a Globo só trabalha com atores profissionais histórias verídicas e propagandas sempre a verdade para o país
CP04 00:07:30	Mesma câmera	MIC.8	MIC.8 A audiência não convém. A audiência não participa da transmissão. Só assiste Então eu vim trazer uma demanda aí que essa história de exibir filme na íntegra. Filme que tá no cinema aí. A audiência da Tv é uma audiência diferenciada e quer ver o filme de trás pra frente. Entendeu, com o final antes pra gente ver se vale a pena entendeu assisti. Ou então a gente quer comentar durante o filme alguém poderia fazer comentários da cena, dublagem Exatamente.
CP04 00:08:14	Mesma câmera	MIC.1	MIC.1 (Risos) A gente pode tá deixando um canal aí pra você entrar em contato. O pessoal que tá aí no terraço aí vem aqui fazer os comentários durante o filme... do ator do Paraíso Tropical aí muito sexy age com violência e isso ... realmente poderoso

CP04 00:08:47	Mesma câmera	MIC.7	MIC.7 Ao mesmo tempo que é uma pessoa que tem coração aí pessoa que demonstra aí que ele pensa no filho dele também né. Então pô ele começa uma hora a ficar preocupado porque os meninos que ele tortura podiam ser filhos dele também né. E aí o negócio começa a ficar meio tenso e tal aí teve um dia que ele quase bate ... não entendi nada
CP04 00:09:14	Mesma câmera	MIC.1 MIC.3	MIC.1 Então vamo ver aí a performance do ator MIC.3 Pra aquecer aí a audiência que está sedenta por interatividade Nós vamos colocar o filme "O Sequestro da Cultura Brasileira". Um bom contraponto ao Tropa de Elite e também é um filme com uma tropa de elite Assim ces vão gostar do pessoal. Pessoal do Jardim Angela, uma molecada lá e também de elite. (risos) é isso aí. caralho. Piolho
CP04 00:10:17	Escuro	MIC.1	MIC.1 piolho.tvlivre.org entre lá
CP04 00:10:25	Câmera: microfone apontado para a lente (como se incitando o espectador a falar) Câmera: microfone apontado para a	MIC.1	MIC.1 Alô cade o som? Coloca uma música aí. Aé? Ai.

	tampa de privada Câmera: microfone apontado para a lente.		
CP04 00:11:56	Câmera: Mão cenográfica + logo Câmera: Mão cenografica + privada Câmera: Controle Remoto Câmera: Boneco	MIC.3	MIC.3 Tá rolando.
CP04 00:15:30	Escuro -> tela pc -> câmera		
CP04 00:17:00	Vídeo: Homotrópolis (vídeo urbano)		
CP05 00:00:00	Câmera: Mesa de equipamentos + objetos cenográficos		
CP05 00:00:47		MIC.3	MIC.3 Um filme, em breve um filme.
CP05 00:01:47	Vídeo:"Jahir Soares contra o Sistema" Resistência Filmes	MIC.3	MIC.3 Alô alô agora aê sente o peso dessa batera.

**FIM DA  
GRAVAÇÃO**

TV PIOLHO

DATA 11/2007

TRANSMISSÃO

A

TEMPO	IMAGEM	AUDIO	TRANSCRIÇÃO
CP01 00:00:00	Vídeos: video póstumo de Brad Will, vídeos CMI-Brasil em homenagem a Brad Will		
CP01 00:25:00	Câmera: manipulação de objetos - pepino em conserva	Silêncio	

	estilizado, papéis escritos		
CP01 00:26:50	Mesma câmera	Música	
CP01 00:29:00	Mesma câmera	MIC.1	<i>MIC.1 Alou... canal 20 Esse é o canal 20 Tv Piolho TV Piolho Canal 20 UHF Todos os domingos à tardinha até na hora que até uma hora inesperada. No mínimo até meia noite todos os domingos. Assista neste mesmo canal. Então agora você telespectador não fique não mude o seu canal. Temos muitas mensagens pra vo- cês. Mas será o Benedito? Ei pessoal a gente tá indo embora tchau tchau tchau boa noite. alô alô até domingo que vem!</i>
CP01 00:31:00	Mesma câmera	MIC.2	<i>MIC.2 Se a gente pode você também po- de fazer a sua TV. Faça a tua TV</i>
CP01 00:32:11	Câmera: performance da morte do pepino - o legume é esma- gado no chão  Câmera: placa "Finalizando as transmissões tchau!"	MIC.1	<i>MIC.1 E o senhor pepino se despede. De- vido ao seu à sua característica perei- vel até a semana que vem ele não pode- rá estar conosco novamente. (gritos) Já que o pepino não vai poder es- tar conosco na próxima semana nós va- mos dar um fim a isso logo. (gritos) Ah o pepino morreu. tchau</i>

TRANSMISSÃO

B

TEMPO	IMAGEM	AUDIO	TRANSCRIÇÃO
CP01 00:35:00	Câmera: manipulação de objetos	Prof. Frank falando sobre Co-municação livre (audio gravado no Encontro de Rádios Livres de 2006)  corte abrupto para filme	
CP01 00:36:00	Vídeo: O Barril de Amontilhado		
CP01 00:51:00	Câmera: manipulação de objetos	Música	
CP01 00:51:40	Escuro	Silêncio	
CP01 00:52:00	Escuro	Música	
CP01 00:52:19	Tela do Computador	Silêncio	
CP01 00:53:00	Seleção de videoclips ativistas		
CP01 01:02:00	Animação independente		
CP01 01:05:30	Tela do Computador Vinheta Câmera: Objetos	Silêncio	
CP01 01:08:00	Vídeo que da primeira transmissão da TV Piolho		
CP01 01:12:00	Manifesto da TV Piolho		<i>transcrito à parte</i>

CP01 01:14:00	Transição entre os canais de entrada de vídeo - aleatória		
CP01 01:19:00	"Animando" - programa de animação produzido por um participante do Coletivo semanalmente durante 2006		
CP01 01:29:00	Vídeo: Subcomandante Marcos fazendo crítica sobre os meios de comunicação		
CP01 01:39:00	Câmera: manipulação de objetos	MIC.1 MIC.2	<i>MIC.1 Alô TV Livre Canal 20 UHF. Você não está na Rede Globo. Você não está assistindo a uma televisão comercial que quer somente ganhar dinheiro ou fazer (...) Nós passamos o que gostamos TV Piolho. Então a gente vai falar aí o que passou O que que foi? MIC.2 Alô tava rolando agora uma entrevista com o Subcomandante Marcos falando sobre comunicação independente e tudo mais aí Agora vai ter um curta sobre raulseixismo quem curte Raul aó ó Aguardem.</i>
CP01 01:43:00	Vídeo: Documentário "Pra todo mundo ouvir"		
CP01 01:55:00	Câmera: manipulação de objetos	MIC.1	<i>MIC.1 Alô você está ouvindo não você está assistindo a TV Piolho</i>
CP01 01:56:00	Falha técnica		

CP01 01:57:00	Video: Raul Seixas no Programa Domingão do Faustão em 1989		
---------------	--	--	--

## FIM DA GRAVAÇÃO

Transmissão 26/11/2006

TEMPO	IMAGEM	ÁUDIO	TRANSCRIÇÃO
CP01 00:00:00	Escuro	Chiado	
CP01 00:00:09	Filme/curta: "Jesus Children of America" - Spike Lee	Áudio do filme	
CP01 00:02:25	Corte momentâneo		
CP01 00:02:26	Continua filme		
CP01 00:15:30	Breve cena de algum filme não anunciado.		
CP01 00:15:53	Câmera: papel escrito "tv Piolho" e boneco feito de fita adesiva; objetos girando sobre toca-discos.	Silêncio	
	(falha na gravação)		
CP01 00:15:57		MIC.1 Áudio do filme	MIC.1: Vamo passá a vinheta
CP01 00:20:00	Filme: "Medo e Delírio em Las Vegas" dublado em língua estrangeira. (incompleto)		
CP01 00:27:40		MIC.2	MIC.2: TV Piolho
CP01 00:28:29		MIC.3	MIC.3: Alô TV Piolho estamos num dia muito lindo hoje aha

			Mas se você não entender por- ra nenhuma
CP01 00:28:46		Corta áudio do fime	
		MIC.2	MIC.2: Vamos interromper a transmissão do Fear and Loathing in Las Vegas em galego pra passar outra coisa
CP01 00:28:55	Câmera: mesmo cenário	MIC.2	MIC.2: que dê pra entender a gente optou (risos) foi uma escolha (risos) é isso aí TV Li-
		MIC.3	vre no ar MIC.3: E para você telespectador nós apresentamos o nosso novo membro da TV Livre
CP01 00:29:20	Câmera: boneco feito de copo	MIC.3	MIC.3: Aê (risos)
	plástico de café	MIC.2	MIC.2: O bonequinho
		MIC.3	MIC.3: O bonequinho (risos) escolha um nome
		Várias vozes ao fundo	para o bonequinho MIC.3: Para você que quiser falar com a gente e escolher o nome do bonequinho então abra seu navegador e digite irc ponto indymedia ponto org canal TV Piolho (pausa) IRC é um servidor de chat normal se você tiver algum o

mirc o famoso  
mirc das  
antiguidades ou  
chat  
ponto indymedia  
ponto org ou  
irc ponto  
indymedia ponto  
org  
indy com ipslon  
logo nossos  
assistentes  
colocarão na  
tela  
O endereço.  
(risos)

CP01 00:30:36 Câmera: papel escrito  
"chat. indymedia.org  
irc.indymedia.org  
tvpioelho" + um desenho de  
coração

CP01 00:30:55

MIC.2

MIC.3

MIC.2: Sempre  
com muito a-  
Mor (risos) é um  
oferecimento

Da TV Piolho  
MIC.3: É isso aí  
galera fale com  
a gente e  
escolha o nome  
do  
Bonequinho  
(risos)

CP01 00:31:03 Câmera: boneco feito de copo

Música

MIC.3

MIC.2

Voices ao fundo

MIC.3: Logo ele  
terá cabelos  
(risos) não não  
e...

Desculpa aí foi  
mal pelo assis-  
tente foi algo ...  
MIC.2: ... é todo  
um contexto  
assim  
escravagista  
quase ar-  
caico que  
permanece nos  
nos-  
sos hábitos é  
preciso uma au-  
to-crítica  
permanente Ô  
va-

mo passar  
alguma coisa aí  
preu  
parar de falar  
Cê tava  
baixando  
né agora  
Samuca é esse  
o no-  
me do vídeo?

CP01 00:31:43	Mudança súbita de canais de vídeo vazios Tela do DVD, aparecendo a marca do aparelho acidentalmente	
CP01 00:31:49	Escuro Distúrbios	Música
CP01 00:33:08	Vídeo com baixa resolução Aparece controle de volume do software	Música
CP01 00:33:23		MIC.4
CP01 00:33:28	Escuro	Música
CP01 00:33:40	Volta vídeo Pára vídeo	Música
CP01 00:33:59	Volta vídeo	Música
CP01 00:36:01	Vídeo: Youtube, Sívio Santos piada do bambu Repete 4 vezes	
CP01 00:37:16	Tela do Computador na qual aparece gerenciador de janelas Fluxbox sendo manipulado.	vozes ao fundo
CP01 00:37:36	Câmera: boneco feito de copo e papéis escritos "TV Piolho"	Silêncio
CP01 00:37:30	Vídeo: Show da banda Atari Teenage Riot, Berlim 1999 - quando de um enfrentamento policial.	

MIC.4: Pála,  
desculpa,  
falha...

CP01 00:40:25		MIC.5	MIC.5: Ah essa é uma banda Atari Teenage Riot tava tocando ... tem tem vários
		Vozes ao fundo	
CP01 00:40:30	Tela do Computador na qual aparece gerenciador de janelas Fluxbox sendo manipulado		
CP01 00:41:04	Câmera: boneco feito de copo	Vozes ao fundo	
CP01 00:41:30	Vídeo da TV Piolho – primeira transmissão		
CP01 00:45:40	Tela do Computador – Fluxbox	MIC.2	MIC.2: Alguém quer? Vai lá! Então. O áudio não tá tocando mas o áudio não tá chegando na mesa ... entendeu não tá entrando na mesa ... ah é? A entao ... é isso, com vocês ... sem som. daqui a pouco a gente resolve a questão do som estamos trabalhando nisso para o seu melhor prazer (risos)
CP01 00:45:47	Escuro	MIC.2	MIC.2: TV Piolho em busca de uma programação em teste permanente ...
CP01 00:46:01	Câmera: boneco feito de copo	MIC.2	MIC.2: Dê um nome para o bonequinho

CP01 00:46:15	Câmera: papel escrito com endereço para chat.	Silêncio	
CP01 00:46:26	Distúrbios		
CP01 00:46:52	Trecho de vídeo	Ruídos	
CP01 00:47:57	Câmera: papel escrito com endereço "piolho.tvlivre.org na internet"	Ruídos	
CP01 00:48:20		Musica começa com muito ruído e então tem sua equalização ajustada.	
CP01 00:48:56	Vídeo: imagens lentas, o título da produção não é anunciado		
CP01 00:49:25		MIC.5	MIC.5: Tv Píoho
CP01 00:51:33	Volta câmera anterior		
CP01: 00:51:55	Tela do Computador na qual aparece gerenciador de janelas Fluxbox sendo manipulado	Música	
	Volta vídeo		
CP01 00:57:20	Câmera: boneco feito de copo	MIC.5	MIC.5: Alô TV Píolho Alô TV Píolho Alô TV Píolho no ar aí... valeu... por tocá um som de leve ... vai rola um por enquanto um aqui de leve Smooth Criminal
CP01 00:57:47	Câmera: isopor pintado com logo da TV em stêncil	MIC.6 MIC.5 MIC.6	MIC.6: Então Gente na lição de ciência de hoje da TV Píolho a gente aprendeu que spray corrói o isopor então

não é legal pixar isopor com spray deve ser super poluente e tal e não é uma boa idéia É isso TV Piolho também é educação e cultura  
 MIC.5: Deixa eu tocar um som aí  
 MIC.6: faz sons / ruídos com a boca simulando música

CP01 00:58:39	Câmera: papel escrito "Assistente é o caralho / irc.indymedia.Org"	Começa música	
CP01 00:59:19	Vídeoclip Smooth Criminal – Michael Jackson	Música de Pink Floyd	
CP01 01:04:25		Entra som original do vídeo mixado com música de Pink Floyd 2 sons simultâneos	
CP01 01:08:50	Volta câmera anterior	MIC.1 Música	MIC.1: TV Piolho
CP01 01:09:44		Grito Ruídos Música	
CP01 01:10:11	Vídeo: Youtube, Jô Soares levando chute de A. Schwarzenegger		
CP01 01:11:08	Tela do Computador – Fluxbox	Música	
CP01 01:11:12	Volta câmera anterior	Vozes ao fundo Música	
CP01 01:11:25		MIC.8	MIC.6: UHUUUUUU
CP01 01:11:50		MIC.2	MIC.2: uma programação antro-

		Vozes ao fundo	pológica para vocês
CP01 01:12:16			MIC.6: UHUUUUUU
CP01 01:12:30	Vídeo: Reportagem de Jornal local da Rede Globo provavelmente datada da década de 80 sobre a Rádio Bolha, Rádio Livre de Rio Preto – SP (incompleta)		
CP01 01:14:20	Volta câmera anterior	MIC.6	MIC.6: Alou explicar o que? So- bre o que tá acontecendo? Essa é a TV Piolho um canal livre
		MIC.7	MIC.7: Boa Noite a todos espec- tadores dessa televisão o mate- rial que a gente vai assistir agora é um projeto um documentário que mostra um pouco do proble- ma que a Bolívia atravessou nos últimos anos que eclodiram no que ficou conhecido como a guerra do gás natural e que é a população local do país que se organizou e exigiu de certa forma a nacionalização dos recursos naturais bolivianos né, o gás na- tural e especificamente

teve o problema da guerra da água e se discute o problema da mineração e são duas partes hoje a gente vai assistir a primeira parte e no próximo domingo a segunda parte e essa primeira chama teoria da guerra para tempos de paz e então acho que vale a pena assistir com certa atenção pra compreender um pouco aquilo que vai ser mostrado nesse documentário que é vencedor que diz aqui embaixo Walter da Silveira que é primeiro lugar na Jornada Internacional de Cinema da Bahia Jornada Internacional de Cinema da Bahia é o festival mais antigo do país junto com o Festival de Gramado Esse filme então foi considerado o melhor filme de 2006 Segundo a Jornada Internacional de cinema da Bahia. Vamos assisti-lo.

CP01 01:16:25 Filme: "Kollasuyo"

MIC.1

MIC.1: "Dá pra ter som já ou não?"

(FIM DA GRAVAÇÃO)

DVD 2

IMAGEM

ÁUDIO

TRANSCRIÇÃO

Vídeo Youtube: Raul Seixas e Marcelo Nova no Programa do Faustão, 1989

Tela do Computador

silêncio

Câmera: Papéis escritos girando sobre um toca-discos

Vídeo: Cirque Rolling Stones

MIC.8

MIC.8: Alou TV Piolho um abraço aí aos ouvintes do churrasco

Tela do Computador com várias janelas abertas sendo manipuladas

Vídeo: Flip the Frog – Fiddles-ticks

Vídeo: Betty Boop Cartoon

MIC.4

MIC.4: Tv Piolho transmissão especial Betty Boop ...

Volta câmera anterior

áudio do cartoon

SILêncio

Vídeo: "New Kids On The Black Block"

Vídeo: Show Baden Powel